TAMPA LIFE

ESTUDO BÍBLICO BASEADO EM UMA PREGAÇÃO



Quando Jesus transforma nosso entendimento e faz nosso coração voltar

LUCAS 24:13–35

ESTUDO COMPLETO / DEZ PARTES
Escritura • Reflexão • Resposta pessoal

O estudo de relance

Almeida Revista e Corrigida

INÍCIO	Quando a história ultrapassa nosso entendimento	3
01	Quando a decepção começa a determinar nosso rumo	4
02	Jesus se aproxima antes de o reconhecermos	9
03	As conversas que moldam nossas expectativas	14
04	«E nós esperávamos»: nossas expectativas frustradas diante de Deus	20
05	Quando nossas conclusões resistem às evidências	26
06	As Escrituras abertas: permitindo que Deus interprete sua obra	32
07	«Fica conosco»: abrindo espaço para sua presença	38
08	Olhos abertos e corações ardentes	43
09	A misericórdia que nos chama a voltar	48
10	Voltando a Jerusalém: vivendo nossa mudança de rumo	54
FINAL	O caminho não precisa terminar onde a decepção nos levava	60

Leiamos cada parte em sequência. Usemos as perguntas para reflexão pessoal ou conversa em grupo e completemos a resposta prática antes de prosseguir.

INTRODUÇÃO

Quando a história ultrapassa nosso entendimento

Há períodos em que nossa maior luta está no significado que atribuímos ao que aconteceu. Uma conversa termina de maneira diferente do que esperávamos. Uma oração continua sem resposta. Alguém se cala, uma porta se fecha ou uma situação toma um rumo doloroso. Antes de percebermos, começamos a construir uma explicação. Decidimos por que alguém agiu assim, o que a demora significa e o que Deus deve estar fazendo. Essas conclusões passam a moldar nossas emoções, nossas conversas e, por fim, nossas decisões. Podemos continuar avançando com confiança enquanto nosso entendimento permanece incompleto.

O caminho de Emaús nos coloca diante de um momento assim. Dois discípulos se afastam de Jerusalém no mesmo dia em que Jesus ressuscitou. Eles conversam sobre acontecimentos reais: Jesus foi condenado, crucificado e sepultado. Mulheres do próprio grupo relataram que o túmulo está vazio e que anjos anunciaram que Ele vive. Outros confirmaram que o sepulcro está vazio. A conversa reúne partes importantes da história, mas eles ainda não compreendem como essas partes se relacionam.

A expectativa de que Jesus redimisse Israel não estava inteiramente equivocada. A redenção realmente fazia parte de sua missão. Eles precisavam compreender melhor como Deus a realizaria. Jesus explicaria que seu sofrimento fazia parte do cumprimento do propósito divino: «Porventura, não convinha que o Cristo padecesse essas coisas e entrasse na sua glória?» (Lucas 24:26). A cruz que lhes era tão difícil compreender era central para a redenção que desejavam.

Lucas nos diz que, enquanto os discípulos conversavam e faziam perguntas, «o mesmo Jesus se aproximou e ia com eles» (Lucas 24:15). Antes de seu entendimento mudar, Jesus já estava ao lado deles. Antes de reconhecerem sua presença, Ele entrou na conversa. A incapacidade deles de identificá-lo não o impediu de se aproximar.

Jesus ouve os discípulos descreverem sua decepção. Depois lhes abre as Escrituras: «E, começando por Moisés e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras» (Lucas 24:27). Ele coloca a experiência deles à luz do propósito revelado de Deus. Os acontecimentos continuam reais, mas seu significado começa a mudar à medida que os discípulos aprendem a compreendê-los pelas Escrituras.

Ao final desse encontro, os discípulos se levantam e voltam a Jerusalém na mesma hora. Reconhecer Jesus ressuscitado produz uma resposta concreta: eles levam seu testemunho aos discípulos reunidos. O caminho antes percorrido em decepção torna-se o caminho que percorrem com convicção renovada.

Nossa pergunta central será: Onde permitimos que um entendimento incompleto determine nosso próximo passo, e como Jesus nos chama a responder hoje à sua Palavra?

PARTE 01

Quando a decepção começa a determinar nosso rumo

> *“E eis que, no mesmo dia, iam dois deles para uma aldeia que distava de Jerusalém sessenta estádios, cujo nome era Emaús. E iam falando entre si de tudo aquilo que havia sucedido.” Lucas 24:13–14, ARC*

O caminho para Emaús começa com dois discípulos tentando dar sentido a uma expectativa quebrada. Eles viveram acontecimentos que teriam sido difíceis de absorver, mesmo se tivessem entendido tudo o que Jesus ensinou anteriormente. Seu Mestre foi preso, condenado e crucificado. Aquele que seguiram, amavam e esperavam foi morto publicamente. Agora, no terceiro dia, os relatos de um túmulo vazio aumentaram a sua surpresa. Eles carregam tristeza, perguntas e informações que ainda não aprenderam a interpretar.

Lucas coloca sua jornada dentro dos eventos do dia da ressurreição. No início do capítulo, as mulheres chegam ao túmulo, descobrem que o corpo de Jesus desapareceu, e ouvem o anúncio de que Ele ressuscitou. Os mensageiros celestiais dirigem-lhes as suas palavras: "Lembrai-vos de como vos falou, ainda na Galiléia" (Lucas 24:6). Sua situação deve ser entendida à luz do que Jesus já havia dito. Quando as mulheres se lembram das Suas palavras, o túmulo vazio começa a fazer sentido dentro da Sua promessa.

A distância entre o que aconteceu e o que concluímos

A sua dificuldade surge na relação entre esses acontecimentos e a sua esperança: " Mas confiamos que ele deveria ter redimido Israel " (Lucas 24:21). Eles esperavam a redenção por meio de Jesus, mas Sua morte os deixou incapazes de ver como essa esperança pode durar. Eles estão descrevendo uma expectativa que agora parece dolorosamente incerta.

Aqui encontramos uma distinção que devemos aprender a fazer em nossas próprias vidas: um acontecimento e a nossa interpretação desse acontecimento estão relacionados, mas não são idênticos. Alguém não respondeu a chamada. Isso é algo que podemos estabelecer. " Não se importam mais connosco " é uma conclusão que exige mais conhecimento. Uma oportunidade de ministério terminou. Isso aconteceu. " Deus acabou de nos usar " é uma afirmação muito maior. Uma oração não recebeu a resposta que desejavamos. Podemos reconhecer isso honestamente. " Deus abandonou a nossa família " vai além do que a própria circunstância pode provar.

O Provérbios 18:13 aborda o perigo de responder antes de ter ouvido adequadamente: "Quem responde a um assunto antes de o ouvir, é loucura e vergonha para ele". No mesmo capítulo, o versículo 17 acrescenta: "Aquele que é o primeiro em sua própria causa parece ser justo; mas o seu vizinho vem e o procura". Juntos, estes versículos nos chamam a ser pacientes no julgamento. Um relato pode parecer convincente mesmo quando informações importantes ainda não foram ouvidas.

Essa sabedoria se aplica quando ouvimos os outros e se aplica quando nos ouvimos a nós mesmos. Nossa explicação interna pode parecer completa porque a repetimos repetidamente. No entanto, a repetição não pode fornecer provas faltantes. Precisamos da humildade para dizer: "Isso é o que sabemos". Isto é o que tememos. Isto é o que assumimos. Ainda precisamos de sabedoria.

Como a decepção começa a orientar os nossos passos

O sermão descreve a viagem em direção a Emaús como um movimento na direção errada. Essa imagem tem uma aplicação espiritual pesquisadora, mas devemos distinguir a aplicação do que Lucas nos diz explícitamente. Lucas não diz que a viagem a Emaús foi em si um ato pecaminoso, nem diz que esses discípulos haviam renunciado permanentemente à fé. Ele mostra seguidores entristecidos saindo de Jerusalém, falando com esperança desapontada, e lutando para acreditar no testemunho profético.

No final do encontro, a compreensão deles mudou, e eles retornam aos discípulos reunidos. Sua convicção renovada produz um movimento diferente. Isto permite-nos examinar uma questão mais profunda do que a geografia: para onde nos levam as nossas conclusões?

A decepção muitas vezes nos leva a fazer pequenas escolhas. Ficamos menos dispostos a orar honestamente porque tememos ser desapontados novamente. Evitamos uma conversa necessária porque já decidimos o que a outra pessoa vai dizer. Retiramos-nos da comunhão porque assumimos que ninguém vai entender. Deixamos de servir em uma área onde Deus nos chamou porque uma experiência dolorosa torna-se nossa explicação para todas as possibilidades futuras.

Hebreus aborda este perigo numa comunidade que enfrenta pressão e a tentação de recuar. O escritor exorta os crentes a manterem firme a profissão de nossa fé sem vacilar; (porque ele é fiel o que prometeu;) (Hebreus 10:23). A passagem então conecta a perseverança com o cuidado mútuo: " E consideremos uns aos outros para provocar o amor e as boas obras " (versículo 24). Reunir-se e exortar uns aos outros faz parte deste chamado à perseverança.

Há também momentos em que é sábio recuar de uma designação, quando é necessário descansar ou quando uma situação prejudicial exige limites. A fidelidade requer discernimento. Devemos examinar se nosso movimento surge de sabedoria em oração e conselhos verdadeiros ou de uma conclusão não testada formada em dor. Manter-se ocupado não é o mesmo que permanecer fiel, e mudar de designação não significa necessariamente abandonar a Deus.

Trazendo a nossa tristeza à presença da verdade

Salmo 13 começa, " Até quando me esquecerás, ó Senhor? Para sempre? Até quando me ocultarás o teu rosto? (versículo 1). Davi fala da experiência de se sentir esquecido. Ele traz essa experiência diretamente ao Senhor, pedindo atenção e ajuda. No final do salmo, ele declara: "Mas eu confio na tua misericórdia; o meu coração se regozijará na tua salvação" (versículo 5).

O salmo nos dá palavras para angústia e palavras para confiança dentro da mesma oração. Não temos que fabricar uma emoção antes de podermos procurar a Deus. Podemos trazer a nossa dor à presença Dele e permitir que o Seu caráter desafie as conclusões que a dor encorajou.

Nossa tristeza merece atenção compassiva. A angústia persistente também pode exigir cuidados pastorais contínuos e apoio profissional adequado. Receber ajuda pode ser uma expressão de uma administração responsável. A obra espiritual que temos diante de nós é deixar a verdade falar dentro da nossa dor, para que o sofrimento não se torne o único intérprete de nossas vidas.

A orientação que as nossas famílias aprendem de nós

A nossa interpretação da decepção raramente permanece privada. Ela entra na atmosfera de nossos lares através das palavras que repetimos, das atitudes que levamos e das decisões que tomamos.

As crianças ouvem como descrevemos pessoas que nos magoaram. Eles notam se podemos reconhecer incertezas ou se atribuímos motivos com confiança. Eles observam o que acontece à nossa vida de oração quando as circunstâncias se tornam difíceis. Com o tempo, aprendem de nós como a fé reage sob pressão.

O Salmo 78 conecta o testemunho de uma geração com a esperança da próxima. As obras de Deus devem ser conhecidas, para que os filhos possam colocar a sua esperança em Deus, e não esquecer as obras de Deus, mas guardar os seus mandamentos (versículo 7). O propósito vai além de transmitir informações. A próxima geração deve aprender onde a esperança pertence e como a obediência resulta de se lembrar de Deus.

Isto não exige que damos às crianças uma explicação artificial da vida. Podemos reconhecer a decepção de formas adequadas à idade, mantendo as nossas palavras verdadeiras. Podemos dizer: "Estamos a sofrer e pedimos sabedoria ao Senhor". Podemos explicar, ainda não sabemos por que isso aconteceu, por isso vamos ter cuidado com o que dizemos. Podemos deixá-los ver-nos pedir desculpas quando falamos de suposição.

O mesmo princípio se aplica no casamento. O desapontamento pode nos tentar transformar um momento não resolvido em um julgamento firme sobre o caráter de nosso cônjuge. Um intercâmbio difícil torna-se " Nunca podemos comunicar. " Uma responsabilidade esquecida torna-se " Nada importa para eles. " Essas declarações podem fechar a porta para o entendimento antes de uma conversa cuidadosa começar.

O Efésios 4:25 pede aos crentes que deixem de lado a mentira e falem a verdade uns com os outros porque somos membros uns dos outros. Em um casamento ou em uma família de igreja, falar a verdade protege um relacionamento que somos chamados a administrar. Devemos descrever a conduta com precisão, ouvir atentamente e abordar problemas reais sem ampliá-los por motivos inventados.

Onde ocorreu um erro genuíno, a verdade também exige que o mencionemos. A humildade em relação ao nosso conhecimento nunca deve tornar-se uma desculpa para negar os fatos estabelecidos ou evitar a responsabilidade necessária. O objetivo é o discernimento honesto sob Cristo.

Verdade central

Nossa dor merece atenção honesta, e nossas conclusões exigem exame. Começamos a mudar de direção quando permitimos que Jesus aborde o que nós decidimos que nossas circunstâncias significam.

Exame do coração

1. Em Lucas 24:19–24, quais declarações descrevem eventos e quais revelam as expectativas dos discípulos? Como essa distinção nos ajuda a examinar nossos próprios relatos de decepção?

2. Que experiência interpretamos como prova de que Deus nos esqueceu, deixou de trabalhar ou acabou de nos usar? O que as Escrituras realmente nos permitem concluir?

3. De onde começaram as nossas conclusões a mudar o nosso comportamento em relação a Deus, ao nosso cônjuge, aos nossos filhos ou à nossa família da igreja?

4. O que aprendem as pessoas mais próximas de nós a partir da maneira como falamos sobre perguntas sem resposta?

5. Quem pode nos ajudar a examinar nosso ponto de vista com compaixão, sabedoria bíblica e honestidade? Estamos dispostos a ouvir algo que desafia nossa explicação atual?

Resposta pessoal

Escolha uma decepção não resolvida. Descreva o que aconteceu, o que sabemos e o que assumimos. Identifique uma verdade bíblica que aborda nossa resposta sem prever um resultado que Deus não prometeu. Cita quaisquer conselhos ou cuidados que precisemos, e depois comprometa-te a dar um passo concreto de obediência nesta semana.

Nossa declaração

Levaremos nossa decepção a Jesus com sinceridade e corações ensináveis. Examinaremos nossas conclusões, falaremos a verdade e deixaremos que Sua Palavra nos oriente no próximo passo.

PARTE 02

Jesus se aproxima antes de o reconhecermos

> *“E aconteceu que, indo eles falando entre si e fazendo perguntas um ao outro, o mesmo Jesus se aproximou e ia com eles. Mas os olhos deles estavam como que fechados, para que o não conhecessem.”*
> *Lucas 24:15–16, ARC*

Um dos detalhes mais misericordiosos do relato de Emaús é o momento em que Jesus entra na história. Ele se aproxima enquanto os discípulos ainda discutem sua decepção. A compreensão deles ainda não mudou. As suas perguntas permanecem sem solução. Eles não reconheceram o significado do túmulo vazio nem entenderam como o sofrimento do Messias pertence ao propósito redentor de Deus. Nessa condição, o próprio Jesus se aproximou e foi com eles.

Isso importa porque a decepção pode nos fazer acreditar que precisamos primeiro nos recompor antes de esperar que o Senhor nos receba. Podemos achar que precisamos de um testemunho mais forte, de uma mente mais firme ou de uma explicação para cada emoção difícil. No entanto, o Cristo ressuscitado entra nesta conversa enquanto ainda não está concluída. Sua presença precede a sua clareza.

A passagem revela um Salvador disposto a se aproximar o suficiente para ouvir, paciente o suficiente para ensinar e verdadeiro o suficiente para corrigir. Sua proximidade torna-se o cenário em que a compreensão deles pode mudar.

Sua presença e a nossa percepção

Lucas nos dá conhecimentos que os discípulos não possuem: o estranho que anda ao lado deles é Jesus. Lemos a conversa deles sabendo que Aquele em que estão falando está ouvindo a sua explicação. Eles descrevem Seu ministério, Sua crucificação e os relatos sobre Seu túmulo vazio, enquanto falavam diretamente com Ele.

Devemos ter cuidado com a explicação que Lucas fornece. Ele diz: "Os olhos deles estavam fechados para que não o conhecessem". Mais tarde, à mesa, os seus olhos se abriram e eles o conheceram (Lucas 24:31). A narrativa descreve o reconhecimento como algo escondido e depois concedido. Não nos diz tudo sobre como ou por que isso acontece.

Sua lentidão em acreditar nos profetas é real, e Jesus aborda isso diretamente. No entanto, não devemos reduzir a falta de reconhecimento deles a uma simples afirmação de que a tristeza os fez cegos espiritualmente. Lucas descreve um encontro em que Jesus os ensina antes de revelar a Sua identidade. Sua compreensão das Escrituras começa a mudar enquanto Sua identidade permanece oculta para eles.

Isto nos convida a humildade em relação à percepção espiritual. Podemos amar sinceramente o Senhor e ainda não compreendermos algo importante. Podemos estar familiarizados com a linguagem bíblica enquanto precisamos de uma compreensão mais completa da história bíblica. Podemos reconhecer que algo significativo está acontecendo sem ainda saber como descrevê-lo fielmente.

Isto não nos dá permissão para declarar cada acontecimento inesperado uma visita oculta de Deus. Devemos testar nossas interpretações através das Escrituras e exercer discernimento. Significa que nossa incerteza atual não pode provar que Deus está ausente. Não podemos ver o que Ele está a fazer é uma confissão honesta. " Portanto, Ele deixou de se importar " é uma conclusão que a admissão não pode apoiar.

O Senhor ressuscitado dá atenção a dois discípulos confusos

A escala deste encontro merece a nossa atenção. Jesus ressuscitou dos mortos. A vitória no centro do evangelho cristão ocorreu. O propósito salvífico de Deus está se desenvolvendo através de um evento que será proclamado entre as nações. Dentro dessa grande obra, Lucas relata que Jesus deu atenção contínua a dois discípulos em um caminho.

Um dos viajantes se chama Cléopas; o outro permanece sem nome no relato. Lucas não estabelece a posição, a prominença ou as realizações futuras deles como o motivo pelo qual Jesus se aproxima deles. A narrativa simplesmente nos leva a um encontro onde o Senhor ressuscitado caminha com dois seguidores que precisam de compreensão.

Isto é consistente com a preocupação com os perdidos que corre através do Evangelho de Lucas. Em Lucas 15, Jesus responde às críticas sobre Sua recepção dos pecadores contando de um pastor procurando uma ovelha perdida, uma mulher procurando uma moeda perdida e um pai recebendo um filho que retorna. As circunstâncias variam, mas cada relato revela o valor daqueles que de outra forma poderiam ser despedidos.

Isto tem implicações para as nossas casas e ministérios. Talvez estejamos a desempenhar uma responsabilidade importante enquanto alguém próximo precisa de uma conversa que não temos programado. Uma criança pode precisar de ajuda para nomear um medo. Um cônjuge pode estar carregando desânimo que não foi dito. Um crente pode precisar de alguém para escutar antes de dar uma explicação.

A pergunta que dá espaço para uma resposta honesta

> *“E ele lhes disse: Que palavras são essas que, caminhando, trocais entre vós e por que estais tristes?”*
> *Lucas 24:17, ARC*

Jesus entra através de uma pergunta. Ele os convida a falar sobre a conversa que já estão a ter.

Cleopas responde com surpresa que este viajante parece ignorar os recentes acontecimentos em Jerusalém. Jesus então pergunta: "Que coisas?" (Lucas 24:19). A pergunta dá-lhes espaço para explicar. Eles relatam o ministério de Jesus, Sua condenação e crucificação, sua esperança na redenção de Israel e os relatos do túmulo.

Precisamos deste tipo de honestidade em nosso relacionamento com Deus. A oração pode ser guardada quando acreditamos que somente frases polidas são aceitáveis. Podemos repetir o que sabemos que devemos acreditar, evitando a preocupação que realmente ocupou nossas mentes durante toda a semana. No entanto, o Senhor pode abordar o que trazemos à luz.

Salmo 62:8 diz: " Confia nele em todo o tempo; vós, povo, derramem o vosso coração diante dele. Deus é o nosso refúgio. " Confiança e o derramamento do coração pertencem juntos. Podemos confiar a Deus pensamentos que precisam ser corrigidos, tristeza que precisa ser cuidada e medos que precisam ser examinados.

A honestidade diante de Deus inclui a disposição de ser ensinada. Trazemos-lhe o nosso relato, sem exigir que Ele o confirme. Podemos dizer: " É assim que entendemos a situação. Examine nossos corações e ajude-nos a reconhecer onde nos enganamos. "

Compaixão que tem a coragem de corrigir

> *“E ele lhes disse: Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram!”*
> *Lucas 24:25, ARC*

São palavras de busca. O Salvador que se aproxima também identifica uma falha na sua resposta às Escrituras. Sua bondade não deixa intacta a incompreensão deles.

Observe o foco de Sua correção: eles são lentos em acreditar em tudo o que os profetas disseram. A sua dificuldade diz respeito à recepção do testemunho revelado por Deus. Jesus os orienta para uma compreensão mais completa do Messias, incluindo Seu sofrimento e entrada na glória.

Aceitar esse desafio requer humildade. Talvez tenhamos ficado tão apegados à nossa explicação que examiná-la parece perder o direito de nos ferirmos. No entanto, corrigir uma conclusão falsa não apague uma ferida real. Pode impedir que a ferida nos leve a mais danos.

Também precisamos de humildade quando damos correção. Não possuímos um conhecimento perfeito do coração de outra pessoa. Suas palavras neste encontro não autorizam a dureza, acusações descuidadas ou a suposição de que qualquer desacordo revela rebelião. Nossa correção deve ter raízes nas Escrituras, ser feita com paciência e ser aberta ao exame.

A Gálatas 6:1 instrui aqueles que são espirituais a restaurar alguém alcançado em uma falha " no espírito de mansidão; considerando-se a si mesmo, para que você também não seja tentado. " A restauração inclui a verdade, a gentileza e a consciência de nossa própria vulnerabilidade. O propósito é ajudar uma pessoa a andar fielmente diante de Deus.

Aprender a andar um ao lado do outro

As palavras " acompanhadas " também convidam a reflexão sobre como cuidamos de pessoas cuja fé está sob pressão. Podemos identificar rapidamente o destino que queremos para alguém, subestimando a paciência que envolve andar com ele.

Caminhar com alguém não significa aceitar todo comportamento nem assumir as responsabilidades que pertencem à outra pessoa. Significa permanecermos dispostos a oferecer cuidados verdadeiros e apropriados sem exigir progressos imediatos como preço da nossa preocupação.

O Tiago 1:19 instrui-nos a sermos rápidos em ouvir, lentos em falar, lentos em ficar zangados. Essas palavras desafiam a urgência com que muitas vezes nos defendemos. Ouvir atentamente pode revelar que a questão por trás de uma discussão é medo, tristeza, vergonha ou um mal-entendido que nunca abordamos.

As nossas famílias precisam de espaço para perguntas honestas. Nossos filhos devem ser capazes de nos dizer quando não entendem uma passagem ou quando uma experiência os perturbou. Podemos responder com convicção e paciência, mostrando que a verdade bíblica pode resistir a um exame cuidadoso.

Nossos relacionamentos na igreja precisam da mesma combinação de estabilidade e abertura. Podemos aderir firmemente à doutrina apostólica enquanto tratamos as pessoas com gentileza à medida que aprendem. O objetivo é mais do que ganhar uma conversa. Queremos nos ajudar uns aos outros a reconhecer a verdade de Cristo e a responder fielmente.

Verdade central

O nosso reconhecimento pode ser incompleto enquanto a fidelidade do Senhor permanece certa. Jesus se aproxima com compaixão, e Sua verdade nos chama a um entendimento mais completo e uma resposta obediente.

Exame do coração

1. O que Lucas nos diz explicitamente sobre por que os discípulos não reconheceram Jesus? Como a atenção cuidadosa a esse detalhe nos protege de fazer suposições sobre a condição espiritual de outra pessoa?

2. O que revelam as perguntas de Jesus sobre o lugar da conversa honesta neste encontro? Que preocupação temos lutado para apresentar abertamente a Ele?

3. Como reagimos quando a correção bíblica contesta uma explicação que construímos em torno da nossa dor?

4. Onde é que a nossa família ou o nosso ministério podem precisar de ouvir com mais paciência? Como seria combinar essa paciência com uma orientação clara e verdadeira?

5. Há alguma conversa recente, passagem de Escritura ou convite à obediência que precisamos examinar mais cuidadosamente? O que nos faz hesitar em responder?

Resposta pessoal

Descreva uma área em que temos tido dificuldade em reconhecer o cuidado de Deus. Leia uma promessa bíblica relevante no contexto. Veja se resistimos a sábios conselhos e identifique uma resposta fiel. Então escolha alguém da nossa família ou igreja a quem possamos ouvir com mais paciência esta semana.

Nossa declaração

Levaremos nossas perguntas a Jesus e permaneceremos abertos ao Seu ensinamento. Confiaremos na Sua fidelidade, receberemos correção bíblica e aprenderemos a andar uns com os outros em paciência e verdade.

PARTE 03

As conversas que moldam nossas expectativas

> *“E iam falando entre si de tudo aquilo que havia sucedido. E aconteceu que, indo eles falando entre si e fazendo perguntas um ao outro, o mesmo Jesus se aproximou e ia com eles.”*
> *Lucas 24:14–15, ARC*

Antes que os discípulos reconhecessem Jesus, Lucas nos mostra uma conversa. Estes dois seguidores caminham juntos, compartilhando seus pensamentos sobre os acontecimentos em Jerusalém. Sua discussão diz respeito a assuntos de enorme importância: o ministério de Jesus, Sua crucificação, sua esperança de redenção e o surpreendente relato de um túmulo vazio. Eles estão tentando entender o que aconteceu e o que isso significa para o seu futuro.

Esta distinção é importante porque podemos mal entender o aviso do sermão sobre conversação. A resposta ao desânimo não é o silêncio, e a resposta a perguntas difíceis não é fingir que tudo está resolvido. Precisamos de relacionamentos onde se possa falar da dor e examinar a incerteza. No entanto, dentro desses relacionamentos, também precisamos estar dispostos a deixar que as Escrituras corrigam a explicação que estamos desenvolvendo juntos.

Uma conversa pode nos ajudar a procurar compreensão, ou pode nos tornar cada vez mais comprometidos com uma suposição. Pode levar nossas perguntas diante de Deus, ou pode reunir acordo em torno de uma conclusão que já decidimos defender. As palavras podem parecer semelhantes ao princípio. Com o tempo, a direção torna-se mais clara no que a conversa produz.

O acordo e a compreensão são coisas diferentes.

Os discípulos compartilham o suficiente de uma visão que Cleopas pode falar no plural: " E nós esperávamos que ele deveria ter redimido Israel " (Lucas 24:21). A decepção deles é compartilhada. Eles têm uma história comum, informações comuns e uma esperança comum que agora parece incerta.

O acordo deles não resolve o mal-entendido. Ambos precisam que as Escrituras lhes sejam abertas.

O Provérbios 27:6 diz: "As feridas de um amigo são fiéis, mas os beijos de um inimigo são enganosos". O contraste diz respeito à fidelidade. Um amigo pode dizer algo desconfortável porque o nosso bem-estar é mais importante do que manter um acordo fácil. Palavras agradáveis podem ser enganosas quando ocultam a falta de preocupação genuína.

Este provérbio não faz de todos os comentários dolorosos sábios ou de todos os críticos um amigo fiel. O discurso doloroso ainda requer exame. O versículo nos pede que reconheçamos que a amizade amorosa às vezes inclui correção.

Um amigo fiel pode dizer: "Entendemos por que isso dói, mas sabemos que essa foi a intenção deles?" Um crente maduro pode perguntar: " Tivemos conversado diretamente com a pessoa envolvida? " Um cônjuge pode observar suavemente: "Nós discutimos isso muitas vezes, mas já oramos sobre como o Senhor quer que respondamos?"

Precisamos de pessoas que se preocupem com o nosso coração o suficiente para examinar as nossas conclusões conosco. Por sua vez, devemos nos tornar esse tipo de amigo: compassivo com a dor, cuidadoso com os fatos e disposto a falar honestamente.

As histórias que ensayamos começam a moldar o que notamos

Se repetidamente descrevermos os outros como pouco confiáveis, podemos começar a abordar cada resposta atrasada como confirmação. Se continuamos a falar de nós mesmos como indesejados, um desprezo comum pode parecer rejeição deliberada. Se as nossas conversas demonstrarem que nada de bom pode acontecer, talvez tenhamos dificuldade em receber evidências que desafiem essa expectativa.

Algo semelhante acontece em Números 13 e 14, onde Israel recebe o relatório dos homens enviados para espiar Canaã. Os espiões observam uma terra frutífera, habitantes fortes e cidades fortificadas. Essas observações exigem uma resposta de fé e obediência prática. O relato revela, então, conclusões muito diferentes sobre o que esses fatos significam.

Caleb exorta o povo a avançar. Outros insistem, " Não podemos subir contra o povo, pois eles são mais fortes que nós " (Números 13:31). A discussão torna-se um relato compartilhado de derrota. Até Números 14, a congregação está chorando, murmurando e considerando retornar ao Egito.

As suas palavras revelam a profundidade da interpretação: E por que nos trouxe o SENHOR a esta terra, para cairmos pela espada? (Números 14:3). Em vez de reconhecerem o perigo, acusam a Deus de os conduzir à destruição. Essa conclusão apoia então uma direção proposta: " Façamos um capitão e voltemos para o Egito " (versículo 4).

Também devemos preservar a diferença entre a situação de Israel e a nossa. Deus tinha ordenado expressamente a Israel a respeito da terra. Não podemos usar a história deles para afirmar que cada oportunidade que desejamos é o nosso território prometido ou que cada preocupação com um projeto é incrédulo. A passagem nos ensina a examinar como nossas palavras se relacionam com o que Deus realmente falou.

Quando a discussão repetida deixa de nos ajudar a discernir

Há um tipo de conversa que se sente ativa, deixando-nos espiritualmente e praticamente imóveis. Revisitamos a mesma lesão, repetimos as mesmas suspeitas e imaginamos motivos adicionais. Cada conversa aumenta a nossa confiança sem aumentar o nosso conhecimento.

A Provérbios 18:8 diz: "As palavras de um narrador são como feridas, e descem para as partes mais íntimas da barriga". O provérbio reconhece o quão profundamente prejudicial o discurso pode entrar em nós. Os relatos sobre outras pessoas podem tornar-se emocionalmente convincentes, moldando nossa visão antes de verificarmos o que ouvimos.

O Provérbios 26:20 acrescenta: " Onde não há madeira, ali se apaga o fogo; assim, onde não há narrador, cessa a disputa. " Repetidamente fornecer um conflito com novas especulações pode mantê-lo em chamas. O versículo nos convida a considerar se a nossa fala está ajudando a resolver um problema ou continuando a renovar a hostilidade.

Isto não significa que o comportamento prejudicial deva ser escondido. Buscar ajuda apropriada, denunciar erros, documentar preocupações e falar com os responsáveis por resolver uma situação podem ser atos de verdade necessários. O propósito, a audiência e a precisão da nossa fala importam.

Uma conversa com alguém que pode oferecer proteção, orientação, prestação de contas ou resolução serve uma função diferente da circulação de uma acusação entre pessoas que podem fazer pouco além de repetir.

Devemos perguntar o que a nossa discussão procura. Estamos a tentar entender? Estamos a pedir ajuda? Estamos a preparar-nos para uma conversa responsável? Estamos a proteger alguém que precisa de cuidados? Ou começámos a usar o assunto para estabelecer um inimigo comum?

Palavras que dão graça aos que ouvem

> *“Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, mas só a que for boa para promover a edificação, para que dê graça aos que a ouvem.”*
> *Efésios 4:29, ARC*

A passagem circundante conecta o discurso com a nova vida do crente em Cristo. Paulo pede veracidade, manejo responsável da ira, trabalho honesto, bondade e perdão. As nossas palavras pertencem a esta maior transformação do caráter e da comunidade.

Edificar é edificar. Esse propósito vai além de fazer alguém se sentir melhor no momento. Uma conversa pode nos edificar, consolando-nos, esclarecendo um mal-entendido, confrontando o pecado ou nos ajudando a agir com sabedoria. A questão é se o nosso discurso serve o verdadeiro bem do ouvinte diante de Deus.

Paulo continua advertindo contra a amargura, a ira, a ira, o clamor, as palavras malignas e a maldade (Efésios 4:31). Essas atitudes afetam o tom e o propósito das nossas conversas. A amargura pode manter uma velha lesão presente em cada novo desacordo. A mágoa pode fazer com que a vergonha de outra pessoa se sinta satisfatória. Falando mal pode reduzir alguém à pior conta que podemos oferecer sobre ele.

O versículo seguinte dá à igreja um padrão diferente: " E sejais bondosos uns com os outros, ternos de coração, perdoando-vos uns aos outros, assim como Deus vos perdoou por causa de Cristo " " (Efésios 4:32).

A bondade e a ternura de coração não exigem desonestidade. Eles moldam a forma como dizemos a verdade e o que desejamos para a outra pessoa. O perdão se refere à nossa disposição de libertar a vingança e obedecer a Cristo. Reconstruir a confiança também pode exigir arrependimento, responsabilidade, tempo e limites adequados.

As conversas que levamos para as nossas casas

O relato de Emaús diz respeito a dois viajantes, mas seu desafio chega à linguagem comum da vida familiar. Grande parte da atmosfera espiritual de nossa casa se desenvolve através de conversas repetidas à mesa, no carro, depois da igreja e no final de um dia difícil.

O Deuteronômio 6 coloca o ensino das palavras de Deus dentro destes ritmos comuns: "E ensina-as diligentemente aos teus filhos, e fala-os quando estiveres sentado em tua casa, e quando andares pelo caminho" (versículo 7). Os versículos anteriores chamam Israel a amar o Senhor de todo o coração e a guardar as Suas palavras no coração. A instrução surge de uma vida orientada a Ele.

Nunca falaremos perfeitamente. Os nossos filhos não precisam de um lar onde os adultos fingem nunca lutar. Eles se beneficiam ao verem como o arrependimento muda nossa fala. Podemos dizer: "Falamos com muita confiança sobre algo que não sabemos completamente". Podemos reconhecer que essa preocupação era real, mas a forma como discutimos foi desagradável. Podemos voltar a uma conversa e corrigir-nos.

No casamento, também devemos examinar se nossas conversas ainda contêm curiosidade. Com o tempo, a familiaridade pode nos tentar a acreditar que já sabemos tudo o que nosso cônjuge significa. Ouvimos um tom e fornecemos uma intenção. Lembramo-nos de uma divergência passada e assumimos que a preocupação atual tem a mesma causa.

O Tiago 1:19 oferece uma disciplina necessária: " Que cada homem seja rápido para ouvir, lento para falar, lento para ficar zangado. " Ouvir cria espaço para outra pessoa terminar uma explicação antes de nos defendermos. A lentidão em falar nos dá tempo para distinguir uma preocupação de uma acusação. A lentidão à ira protege a conversa de se tornar uma competição na qual o entendimento desaparece.

Verdade central

As nossas conversas ajudam a moldar nossas expectativas e decisões. A companhia fiel traz compaixão à nossa dor e permite que a Palavra de Deus examine as conclusões que compartilhamos.

Exame do coração

1. O que o relato de Emaús mostra sobre a diferença entre compartilhar uma experiência e compreender o seu significado? Onde confundimos o acordo com a confirmação de que a nossa conclusão é verdadeira?

2. Que assunto domina repetidamente nossas conversas? O que geralmente produz em nós a discussão dela: uma compreensão mais clara, ação responsável, ressentimento mais profundo ou medo maior?

3. Como podemos distinguir entre procurar ajuda necessária em relação a uma transgressão e divulgar um relatório entre pessoas que não podem ajudar a resolvê-lo?

4. Leia o Efésios 4:25–32. Qual instrução desafia diretamente a forma como falamos em casa ou dentro de nossos relacionamentos com a igreja?

5. O que aprendem os nossos filhos ou os nossos mentores com as nossas palavras diárias sobre as pessoas, a decepção e a fidelidade de Deus?

Resposta pessoal

Examine uma conversa repetida. Distinguir os fatos verificados das suposições sobre os motivos. Leia o Efésios 4:25–32 e identifique como a veracidade, a bondade e o desejo de edificar devem mudar nossa próxima discussão. Escolha uma resposta prática: esclareça, corrija uma afirmação, fale diretamente com alguém ou procure ajuda apropriada.

Nossa declaração

Falaremos a verdade, ouviremos atentamente e permaneceremos abertos à correção. Nossas conversas farão espaço para a Palavra de Deus, fortalecerão a obediência fiel e servirão o bem dos que nos ouvem.

PARTE 04

«E nós esperávamos»: nossas expectativas frustradas diante de Deus

> *"E nós esperávamos que fosse ele o que remisse Israel; mas, agora, com tudo isso, é já hoje o terceiro dia desde que essas coisas aconteceram."*
> *Lucas 24:21, ARC*

Algumas das palavras mais dolorosas que falamos começam com o que já esperávamos. Pensámos que a situação melhoraria. Acreditamos que o relacionamento iria curar. Esperávamos que a obediência nos levasse a um lugar diferente. Nós oramos, esperamos e organizamos nossas vidas em torno de uma esperança que parecia clara. Então aconteceu algo que não conseguimos conciliar com o que tínhamos antecipado.

Os discípulos no caminho de Emaús dão voz a essa dor: Suas palavras carregam a memória da esperança e o peso da incerteza atual. Eles tinham olhado para Jesus como Aquele que redimiria Israel. Agora eles estão descrevendo Sua morte enquanto lutam para entender os relatos de Sua ressurreição.

Devíamos ouvir a declaração deles com cuidado. Estas palavras revelam esperança desapontada, mas não nos dão um relato completo de tudo o que os discípulos ainda acreditavam. Continuam a identificar-se com a grupo dos seguidores de Jesus. Eles conhecem os relatórios do túmulo. Falam de Jesus com respeito e preocupação. Lucas nos mostra seguidores cujas expectativas foram abaladas e cuja compreensão precisa ser restaurada.

Uma verdadeira esperança pode levar a um entendimento incompleto

A esperança da redenção de Israel se encontra em todo o Evangelho de Lucas. Zacarias louva a Deus por visitar e redimir Seu povo. Simeão espera o consolo de Israel. Ana fala de Jesus aos que procuram redenção em Jerusalém. Essas esperanças surgem na história do pacto das relações de Deus com Seu povo.

Jesus responde diretamente a essa dificuldade: " Não deveria Cristo ter sofrido estas coisas, e entrar em sua glória? " (Lucas 24:26). Sua compreensão do Messias deve incluir o que os profetas disseram sobre o sofrimento, bem como a glória.

Esta é uma lição importante para a nossa leitura das Escrituras. Podemos abraçar uma verdade bíblica enquanto negligenciamos outra que lhe dá a profundidade necessária. Podemos celebrar o poder de Deus sem prestar muita atenção ao chamado de perseverar. Podemos nos regozijar em Suas promessas, ignorando a obediência que essas promessas exigem. Podemos falar de vitória, esquecendo-nos de que o discipulado cristão inclui levar a cruz.

A nossa esperança precisa da amplitude das Escrituras. A fidelidade, a santidade, a sabedoria, a misericórdia e a soberania de Deus pertencem juntos. Assim, cumpra as promessas de Sua presença e admoesta os adversários. À medida que aprendemos a receber todo o conselho de Deus, nossa confiança torna-se menos dependente de uma imagem preferida de como a vida deve se desenrolar.

Quando um desejo se torna silenciosamente uma promessa

Há outro tipo de expectativa quebrada que devemos examinar. Às vezes, estamos de luto por algo que Deus nunca nos prometeu especificamente.

Talvez tenhamos orado sinceramente por uma oportunidade e depois começamos a falar dela como se a sua realização fosse certa. Talvez tenhamos recebido encorajamento de outros e consideramos esse encorajamento como uma garantia. Talvez nos tenhamos sentido profundamente comovidos durante a oração e tenhamos associado essa experiência a uma determinada linha de tempo.

Essas experiências merecem discernimento ponderado. Um desejo forte, uma conversa encorajadora ou um momento espiritual significativo ainda precisam ser examinados através das Escrituras. A nossa sinceridade não torna todas as interpretações precisas.

> *"Digo-vos que não sabeis o que acontecerá amanhã. Porque que é a vossa vida? É um vapor que aparece por um pouco e depois se desvanece. Em lugar do que devíeis dizer: Se o Senhor quiser, e se vivermos, faremos isto ou aquilo."*
> *Tiago 4:14–15, ARC*

A passagem diz respeito a pessoas que planejam viajar, negociar e lucrar. Tiago expõe a presunção deles sobre um futuro que não podem controlar. O próprio planejamento não é condenado. A correcção diz respeito à postura em que os planos são feitos.

Se o Senhor quiser, expressa a nossa dependência de Deus. Podemos nos preparar cuidadosamente e trabalhar diligentemente, reconhecendo que nosso entendimento ainda é limitado. Podemos desejar algo profundamente sem afirmar que Deus se comprometeu a fornecê-lo.

Também nos ajuda a lamentar honestamente. Uma oportunidade esperada pode importar muito, mesmo que nunca tenha sido garantida. Podemos reconhecer a perda sem transformá-la numa acusação contra o Senhor. Podemos dizer: "Queríamos isto, e a perda dói". Ajuda-nos a compreender como é a obediência agora. "

A cruz desafia as nossas definições de sucesso

Em Lucas 24, Jesus explica que o arrependimento e a remissão dos pecados devem ser pregados em Seu nome entre todas as nações. A redenção alcança a mais profunda necessidade humana: a reconciliação com Deus através da obra salvífica de Cristo. A esperança dos discípulos deve tornar-se suficientemente grande para receber o propósito que Jesus revela.

A cruz também enfrenta as medidas pelas quais julgamos a fidelidade. Do ponto de vista do poder público, Jesus parece condenado e derrotado. Dentro do propósito redentor de Deus, Ele se dá por nossa salvação. A ressurreição estabelece Sua vitória e vindica Sua identidade.

Temos de aplicar isto com cuidado. A morte expiatória de Cristo é única. Nossas dificuldades não realizam redenção da maneira como a Sua morte faz, e não devemos afirmar que cada fracasso ou ferida oculta um triunfo comparável. No entanto, Sua cruz nos ensina que as aparências sozinhas não podem fornecer a medida final da obra de Deus.

A popularidade não pode estabelecer fidelidade. A oposição não pode automaticamente refutar isso. O crescimento visível pode ser encorajador, mas apenas os números não revelam a saúde de um ministério. Um período de escuridão não significa que a obediência se tornou inútil.

Precisamos perguntar o que Cristo exige, e depois avaliar a nossa resposta a essa luz. O resultado pode permanecer incerto, mas a obediência pode ser clara.

Aprender a rendição da oração de Jesus

> *“dizendo: Pai, se queres, passa de mim este cálice; todavia, não se faça a minha vontade, mas a tua.”*
> *Lucas 22:42, ARC*

Abordamos este versículo com reverência pela singularidade de Sua missão e pela realidade de Sua humanidade. Jesus enfrenta o sofrimento pelo qual Ele realizará a nossa redenção. Sua oração expressa angústia e submissão obediente.

Para o nosso discipulado, a passagem mostra que a entrega pode incluir a expressão honesta de desejo. Jesus menciona o pedido antes de ceder à vontade do Pai. Não precisamos esconder o que desejamos para submetê-lo a Deus.

As palavras "Tossa vontade seja feita" devem carregar o peso da obediência. São mais do que uma frase adicionada ao final de uma oração. Significa que continuamos dispostos a seguir a Cristo mesmo quando a resposta requer ajuste, paciência, sacrifício ou uma orientação que não escolhemos.

Isso pode ser difícil na vida familiar. Podemos ter uma visão clara de como o futuro de nossos filhos deve evoluir, como nosso casamento deve se sentir em uma determinada fase, ou como nosso ministério deve evoluir. Alguns desses desejos refletem uma boa administração. Outras podem conter a nossa necessidade de controle, reconhecimento ou tranquilização.

A rendição permite que Deus pesquise esses motivos. Continuamos a cumprir as nossas responsabilidades, ao mesmo tempo em que deixamos de dizer que a fidelidade nos dá o direito de gerir todos os resultados.

Quando a fé recebe uma resposta diferente

O relato de Paulo sobre seu espinho na carne nos dá outra perspectiva importante sobre pedidos sem resposta. Ele escreve que ele procurou o Senhor três vezes para removê-lo. A resposta que ele registra é: "A minha graça te basta, pois a minha força se torna perfeita na fraqueza" (2 Coríntios 12:9).

O texto não identifica o espinho com precisão, e devemos evitar construir a aplicação sobre uma certeza que as Escrituras não fornecem. O que é claro é que Paulo pede alívio e recebe uma palavra sobre graça suficiente e força divina na fraqueza.

Esta passagem impede-nos de definir a oração bem-sucedida apenas como a remoção da circunstância. Deus pode sustentar, fortalecer e realizar Seu propósito enquanto uma dificuldade permanece. Podemos continuar a buscar o alívio apropriado, confiando na graça que Ele provê.

Ao mesmo tempo, não devemos usar a experiência de Paulo para descartar o sofrimento de outra pessoa. "A graça de Deus é suficiente" nunca deve tornar-se uma desculpa para recusar ajuda prática, cuidado compassivo ou intervenção responsável. O testemunho de Paulo diz respeito à dependência de Cristo; não autoriza a indiferença para com as pessoas necessitadas.

Dentro de nossas famílias e igreja, podemos orar por mudanças e ajudar a carregar o fardo. Podemos acreditar na cura e acompanhar alguém através do tratamento. Podemos pedir a Deus que restabeleça um relacionamento e insistir no arrependimento, na conduta verdadeira e na proteção adequada.

Uma esperança que vai além das nossas circunstâncias atuais

A Hebreus 11 descreve pessoas que viveram por fé e experimentaram resultados terrestres muito diferentes. Alguns receberam uma salvação notável. Outros sofreram e morreram. A inclusão deles no mesmo testemunho de fé desafia qualquer fórmula simples que conecte a confiança em Deus com o sucesso terrestre imediato.

O capítulo diz: " Todos estes morreram na fé, não tendo recebido as promessas, mas vendo-as de longe " (Hebreus 11:13). Sua esperança alcançou além do que possuíam durante suas vidas. Eles procuraram um país melhor e confiaram no Deus que falou.

1 Pedro 1:3 descreve os crentes como gerados de novo " para uma esperança viva pela ressurreição de Jesus Cristo dos mortos. " Pedro então fala de uma herança guardada no céu e reconhece a gravidade das provações atuais. Esperança viva e tristeza presente aparecem na mesma passagem.

A ressurreição não exige que minimizemos o que dói. Dá-nos motivos para confiar que o nosso sofrimento atual não terá a última palavra sobre os que pertencem a Cristo.

Verdade central

A fé cresce ao distinguirmos o que Deus prometeu do que assumimos. Podemos trazer a Ele nossos desejos mais profundos enquanto permitimos que Sua Palavra, sabedoria e propósito salvador governem nossa esperança.

Exame do coração

1. O que esperavam os discípulos de Jesus? Como Sua explicação em Lucas 24:25–27 aprofunda sua compreensão dessa esperança?

2. Que expectativa decepcionante afetou mais nossa confiança em Deus? Que promessa específica das Escrituras, se houver, está relacionada com esse resultado?

3. Como avaliamos o sucesso na família ou no ministério? Onde a cruz desafia essas medidas?

4. O que nos ensina a oração de Jesus em Lucas 22:42 sobre expressar o desejo e se submeter à vontade de Deus?

5. Como o 2 Coríntios 12:7–10 molda nossa compreensão da oração quando uma dificuldade permanece? Que cuidado prático deve acompanhar esse entendimento?

Resposta pessoal

Cite uma expectativa dolorosa e examine seu fundamento: uma promessa bíblica explícita, um desejo pessoal, uma impressão ou conselho recebido. Leia o texto relevante no contexto. Identifique o que precisa ser confiado, reconsiderado ou liberado. Escolha um ato de fidelidade que não dependa do resultado desejado.

Nossa declaração

Vamos trazer os nossos desejos e decepções honestamente diante do Senhor. Receberemos as Suas promessas fielmente, examinaremos humildemente nossas suposições e continuaremos a obedecê-Lo enquanto Ele nos ensina a ter esperança.

PARTE 05

Quando nossas conclusões resistem às evidências

> *“É verdade que também algumas mulheres dentre nós nos maravilharam, as quais de madrugada foram ao sepulcro; e, não achando o seu corpo, voltaram, dizendo que também tinham visto uma visão de anjos, que dizem que ele vive. E alguns dos que estavam conosco foram ao sepulcro e acharam ser assim como as mulheres haviam dito, porém, não o viram.” Lucas 24:22–24, ARC*

Os discípulos no caminho de Emaús estão carregando mais do que a memória de uma crucificação. Eles também receberam informações que devem fazê-los reconsiderar o que pensam ter acontecido. Mulheres de sua própria grupo visitaram o túmulo e encontraram o corpo desaparecido. Essas mulheres relataram uma mensagem dos anjos declarando que Jesus está vivo. Outros foram ao túmulo e confirmaram que é como as mulheres descreveram.

Os discípulos podem contar esses relatos com precisão suficiente para descrevê-los a Jesus. Mesmo assim, o testemunho ainda não os levou a uma compreensão firme da ressurreição dele. Eles ficam surpresos, inseguros e ainda falam de esperança desapontada.

Portanto, o texto nos incita a examinar como recebemos informações que perturbam uma explicação que já formamos. Estamos dispostos a reconsiderar? Fazemos perguntas honestas? Podemos admitir que uma conclusão já feita com confiança pode exigir correção?

Quando uma explicação estabelecida torna-se difícil de liberar

Se explicamos repetidamente por que alguém não pode ser confiável, reconsiderar esse julgamento pode exigir uma conversa desconfortável. Se anunciamos que uma situação é desesperadora, reconhecer sinais de mudança pode revelar o quão com confiança falamos além do que sabíamos. Se construímos nossa identidade em torno de sermos aqueles que veem o que os outros perdem, a correção pode parecer especialmente ameaçadora.

A Escritura nos exorta repetidamente a humildade, porque a verdade pode expor o coração, bem como informar a mente. Provérbios 12:15 diz: "O caminho do tolo é justo a seus próprios olhos, mas aquele que ouve o conselho é sábio". O contraste diz respeito à nossa disposição de receber uma perspectiva além da nossa.

Uma pessoa pode parecer atenciosa sem permitir conclusões além daquelas já favorecidas. Cada detalhe de apoio recebe aceitação imediata. Cada detalhe desafiador enfrenta uma exigência de certeza impossível. No final, o processo protege o julgamento original de qualquer exame significativo.

Temos de perguntar se aplicamos o mesmo padrão às alegações que queremos acreditar e às alegações que achamos inconvenientes.

Este exame é especialmente importante quando as nossas conclusões dizem respeito aos motivos de outra pessoa. Podemos aceitar rapidamente um boato porque concorda com a nossa suspeita, e então rejeitar uma esclarecimento porque vem da pessoa em quem desconfiamos. O erro genuíno requer atenção cuidadosa, mas a suspeita não deve ser concedida a autoridade de fato estabelecido.

A humildade nos permite dizer: "Podemos ainda ter preocupações, mas esta informação muda o que podemos reivindicar responsavelmente".

O testemunho das mulheres e a responsabilidade de ouvir

Lucas dá às mulheres um lugar importante no relato da ressurreição. Eles visitam o túmulo, recebem o anúncio, lembram-se das palavras de Jesus e relatam o que aconteceu aos apóstolos. Lucas menciona Maria Madalena, Joana, Maria mãe de Tiago e outras mulheres com eles (Lucas 24:10).

Inicialmente, os apóstolos descartam suas palavras como contos inúteis. Mais tarde, os discípulos de Emaús descrevem as mulheres como pertencentes à nossa grupo. Estes testemunhos fazem parte da comunidade, mas o seu testemunho não é totalmente aceito.

A passagem deve nos fazer prestar atenção às pessoas cujas palavras tendemos a ignorar. A familiaridade, a posição, a personalidade ou um julgamento prévio podem afetar a maneira como ouvimos com atenção. Alguém pode falar em silêncio e ainda estar dizendo a verdade. Talvez alguém não tenha destaque e ainda tenha testemunhado algo importante.

Em nossos lares, devemos considerar se cada membro da família tem espaço significativo para falar. O relato de uma criança pode precisar de perguntas cuidadosas e discernimento de um adulto, mas merece atenção. Um cônjuge pode perceber uma preocupação que tenhamos negligenciado porque estávamos preocupados. Um membro da igreja com pouca visibilidade pode trazer informações que os líderes precisam ouvir.

Recebendo testemunho com fé e discernimento

Uma recusa firme de acreditar que Deus pode agir pode ocultar cinismo sob a linguagem de cautela. As Escrituras nos dão abundantes razões para acreditar que o Senhor cura, livra, restaura e responde a oração. A igreja deve permanecer aberta ao Seu poder e grata pela Sua misericórdia.

Ao mesmo tempo, a fidelidade inclui discernimento. 1 Tessalonicenses 5:21 instrui os crentes a "examinarem todas as coisas; apegem-se ao que é bom". " Um exame cuidadoso não ofende a Deus. Ajuda-nos a falar com sinceridade sobre o que acreditamos que Ele fez.

Um testemunho de cura pode ser recebido com gratidão enquanto se procura confirmação médica apropriada. Um testemunho de libertação do vício pode ser celebrado enquanto a pessoa continua a receber apoio e responsabilidade. Um relato de restauração da relação pode nos encorajar, enquanto a confiança é reconstruída através de uma conduta consistente.

Também devemos distinguir o testemunho apostólico fundamental da ressurreição de Cristo das alegações comuns que ouvimos hoje. O relato de Lucas diz respeito ao evento central de salvação proclamado no evangelho. Os testemunhos contemporâneos podem dar testemunho da obra contínua de Deus, mas cada alegação específica permanece sujeita a um exame cuidadoso.

Honramos o Senhor evitando exageros. Um detalhe incerto não se torna mais espiritual quando o repetimos com confiança. Um testemunho não precisa de decoração para ter valor. Relatórios verdadeiros nos dão uma base sólida para agradecer e protegem os que ouvem.

Quando Deus muda uma pessoa que já julgámos

A Atos 9 fornece um poderoso exemplo de uma comunidade que precisa reconsiderar a sua compreensão de alguém. Saulo havia perseguido a igreja. Sua reputação estava baseada em ações reais e danos genuínos. Quando ele chegou a Jerusalém e tentou se juntar aos discípulos, todos tinham medo dele, e não acreditavam que ele fosse um discípulo (Atos 9:26).

Então Barnabé leva Saulo aos apóstolos e explica seu encontro com o Senhor e sua pregação ousada em Damasco. Barnabé traz um testemunho relevante em uma situação governada pela reputação passada de Saulo. O relato avança quando Saulo se torna conhecido entre eles em Jerusalém.

Precisamos desse equilíbrio quando alguém se arrepende. A graça nos chama a reconhecer que Deus pode transformar as pessoas. A sabedoria requer atenção aos frutos desse arrependimento e às responsabilidades criadas pela conduta passada.

Afirmar que houve uma mudança não restaura automaticamente todas as funções, não elimina todas as consequências nem torna todos os relacionamentos seguros. Essas decisões exigem um julgamento cuidadoso. No entanto, o passado de uma pessoa não deve tornar-se um veredicto que recusamos reconsiderar independentemente do que o Senhor faz no presente.

Devemos nos perguntar se deixamos espaço em nosso pensamento para arrependimento genuíno. Às vezes continuamos a falar de alguém inteiramente através do capítulo que conhecemos melhor. O seu crescimento recebe pouca atenção porque desafia a história que repetimos.

Crença que está disposta a ser corrigida

João 20 registra Tomás lutando para receber o testemunho dos outros discípulos. Disseram-lhe: "Vimos o Senhor" (versículo 25). Thomas insiste em ver e tocar as feridas por si mesmo.

Quando Jesus aparece, Ele aborda a condição que Tomás havia declarado e o chama a crer. Tomás responde: "Meu Senhor e meu Deus" (João 20:28). Jesus então fala da bênção sobre aqueles que não viram e ainda acreditaram.

João segue este encontro explicando o propósito de seu testemunho escrito:

> *"Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome."*
> *João 20:31, ARC*

O movimento é importante. Não todos os futuros crentes receberão o mesmo encontro físico que Tomás recebeu. A eles é dada a testemunha escrita, através da qual possam crer em Jesus e receber a vida em Seu nome.

A nossa fé baseia-se no testemunho confiável que Deus provê. Não podemos exigir que Ele repita cada acontecimento precisamente na forma que preferimos antes de obedecermos. Chega um momento em que o desejo de mais confirmação pode tornar-se uma forma de adiar uma resposta à verdade suficiente.

Esse ponto requer um exame honesto. Podemos ter uma pergunta genuína que merece estudo paciente. Também podemos estar fazendo a mesma pergunta repetidamente porque não queremos que a resposta tenha autoridade sobre nossas escolhas.

Permitindo que a nova verdade mude nossa conduta

Reconsiderar uma conclusão torna-se significativo quando ela afeta nossa forma de viver. Podemos admitir em privado que o nosso julgamento foi injusto, enquanto continuamos a falar e a agir como se nada tivesse mudado.

O arrependimento chama-nos mais longe. Se repetimos uma alegação imprecisa, devemos procurar corrigir com os que nos ouviram. Se nos afastamos de alguém por causa de uma suposição, talvez seja necessário iniciar uma conversa honesta. Se descartamos uma preocupação que mais tarde provou ser válida, devemos reconhecer a falta de escuta e tomar medidas apropriadas.

Verdade central

Um coração ensinável examina as evidências de forma justa e permite que a verdade mude sua resposta. Honramos Jesus quando valorizamos a compreensão fiel mais do que defendemos uma conclusão anterior.

Exame do coração

1. Que tipos diferentes de informação contam os discípulos no Lucas 24:22–24? O que havia sido confirmado, e o que ainda dificultavam entender?

2. Examinamos as alegações de forma justa, ou exigimos mais provas de informações que nos desafiam do que de informações que apoiam nossa opinião?

3. De quem temos tendência a ignorar o testemunho por causa de status, personalidade, familiaridade ou experiência passada?

4. Como podemos receber testemunhos da obra de Deus com gratidão, enquanto continuamos a praticar relatórios verdadeiros e discernimento responsável?

5. O que nos ensina o Atos 9:26–28 sobre a tomada a sério de um histórico de danos enquanto permanecemos abertos a evidências de mudanças genuínas?

Resposta pessoal

Escolha uma conclusão que mereça novo exame. Registre as evidências originais, suposições adicionais e qualquer informação nova. Identifique o que permanece incerto e busque conselhos sábios quando necessário. Em seguida, revise um julgamento, corrija uma afirmação, reconheça mudanças genuínas ou mantenha um limite apropriado de acordo com o que a verdade exige.

Nossa declaração

Vamos escutar corretamente, examinar cuidadosamente e permanecer dispostos a ser corrigidos. Aceitaremos a verdade de Deus com humildade e permitiremos que ela mude nossas palavras, julgamentos e ações.

PARTE 06

As Escrituras abertas: permitindo que Deus interprete sua obra

> *“E ele lhes disse: Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura, não convinha que o Cristo padecesse essas coisas e entrasse na sua glória? E, começando por Moisés e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras.”*
> *Lucas 24:25–27, ARC*

O momento decisivo da conversa em Emaús começa quando Jesus abre as Escrituras. Os discípulos descreveram os acontecimentos, expressaram sua decepção e relataram o testemunho do túmulo. Jesus agora aborda o entendimento através do qual eles interpretaram essas coisas.

Jesus coloca os discípulos antes do testemunho bíblico sobre si mesmo. Os acontecimentos que testemunharam devem ser entendidos dentro do propósito revelado de Deus. Seu sofrimento pertence à missão do Messias, e sua entrada na glória segue-o.

Devíamos notar a ordem. Jesus ensina-os antes que o reconheçam à mesa. Sua compreensão começa a mudar através da abertura das Escrituras enquanto Sua identidade permanece oculta a eles. O encontro nos prepara para ver quão profundamente a Palavra escrita pertence a uma relação viva com o Senhor ressuscitado.

Acreditando em toda a testemunha

Jesus identifica os discípulos como lentos de coração para acreditar em tudo o que os profetas disseram. A palavra "todo" importa. Sua compreensão precisa receber o testemunho profético completo, incluindo as verdades que tornam a cruz compreensível.

Podemos desenvolver uma relação seletiva com as Escrituras. Certas passagens falam prontamente de nossos desejos. Voltamos às promessas de provisão, proteção, cura e vitória porque nos fortalecem. Esses passagens pertencem à Palavra e merecem a nossa fé. Outras passagens confrontam nossa impaciência, nos chamam a sacrificar, expõem nossos motivos ou nos preparam para suportar o sofrimento. Merecem a mesma atenção.

> *“Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça,”*
> *2 Timóteo 3:16, ARC*

A doutrina nos ensina o que é verdade. A repreensão expõe o que é errado. A correção nos leva ao caminho certo. A instrução na justiça nos treina para um modo de vida fiel. Estas funções pertencem juntas.

O seguinte versículo dá o propósito: que o servo de Deus seja completo e completamente equipado para boas obras. As Escrituras moldam pessoas que podem viver fielmente e servir com responsabilidade.

Lendo nossa experiência dentro do propósito de Deus

Muitas vezes abordamos as Escrituras com uma situação urgente. Queremos ajuda para tomar uma decisão, conforto no luto ou compreensão de um relacionamento doloroso. É apropriado trazer essas preocupações à Bíblia. A dificuldade surge quando a nossa preocupação imediata torna-se o significado dominante de cada passagem que lemos.

Podemos procurar um versículo que pareça com nossa situação sem considerar a quem se dirige, a que problema se refere ou como funciona dentro do seu livro. Uma frase pode parecer relevante pessoalmente enquanto não entendemos o que promete.

A leitura fiel começa por perguntar o que o texto diz em seu próprio contexto. Quem está a falar? - Para quem? O que vem antes e depois? O que revela a passagem sobre Deus, a humanidade, o pecado, a salvação ou a obediência? Como se encaixa no maior testemunho das Escrituras?

Uma vez que compreendemos a passagem, podemos perguntar como a sua verdade se refere à nossa vida. Às vezes, a aplicação será direta, como com um mandamento de perdoar ou falar com sinceridade. Outras vezes, extrairemos sabedoria de uma narrativa, respeitando as diferenças entre suas circunstâncias e as nossas.

O que Lucas nos diz sobre Jesus " estudo da Bíblia

Lucas diz que Jesus começou por Moisés e todos os profetas e explicou as coisas sobre si mesmo. Isto descreve a amplitude do testemunho bíblico. " Moisés " nos direciona aos livros fundamentais associados a ele, enquanto " os profetas " traz o testemunho profético em vista.

Lucas não fornece uma lista de cada passagem que Jesus explicou. Devemos preservar esse limite. Podemos explorar passagens em outros lugares identificados com a obra de Cristo, mas não devemos afirmar com certeza que Jesus discutiu um versículo em particular na estrada.

Mais tarde no capítulo, Jesus se refere à lei de Moisés, aos profetas e aos salmos, dizendo que as coisas escritas sobre Ele devem ser cumpridas (Lucas 24:44). Ele então explica o padrão: o Cristo sofreria, ressuscitaria dos mortos e seria Aquele em cujo nome o arrependimento e o perdão dos pecados seriam proclamados entre todas as nações.

O servo sofredor e o significado da redenção

O Isaías 53 fornece uma passagem significativa para compreender a relação entre o sofrimento e a salvação. O servo é rejeitado, afligido e ferido. No entanto, o capítulo explica que Seu sofrimento diz respeito aos pecados dos outros:

> *"Mas ele foi ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e, pelas suas pisaduras, fomos sarados."*
> *Isaías 53:5, ARC*

O versículo seguinte identifica a condição humana: " Todos nós, como ovelhas, nos desviamos; cada um de nós voltou para o seu próprio caminho. " O sofrimento do servo está então relacionado com essa perversão: "O SENHOR colocou sobre ele a iniqüidade de todos nós" (versículo 6).

O Novo Testamento conecta explicitamente esta passagem a Jesus. Em Atos 8, o funcionário etíope lê a descrição de Isaías do servo sofredor e pergunta a Filipe quem o profeta está descrevendo. Filipe começa com essa Escritura e prega Jesus a ele.

O primeiro Pedro 2 se baseia na mesma passagem, falando de Cristo " O qual mesmo carregou nossos pecados em seu próprio corpo na árvore, para que nós, sendo mortos aos pecados, vivêssemos à justiça " (versículo 24). Pedro então descreve os crentes como ovelhas que haviam se extraviado e agora retornaram ao Pastor.

Esta é a redenção com consequências morais e espirituais. Cristo carrega nossos pecados para que possamos viver para a justiça. A cruz aborda a nossa culpa e chama-nos a uma vida mudada.

Ressurreição dentro do anúncio apostólico

O testemunho bíblico também diz respeito à ressurreição de Cristo. Em Atos 2, Pedro proclama a morte e ressurreição de Jesus à multidão reunida. Ele cita Salmo 16 e explica que as palavras de Davi apontam para além de Davi para o Cristo, cuja alma não foi deixada no reino dos mortos e cuja carne não viu corrupção.

A mensagem de Pedro reúne a Escritura e o testemunho ocular: "Este Jesus foi ressuscitado por Deus, de que somos todos testemunhas" (Atos 2:32).

Quando os ouvintes perguntam o que devem fazer, Pedro responde:

> *“E disse-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo.”*
> *Atos 2:38, ARC*

A transição da Lucas 24 para as leis é importante. Jesus fala do arrependimento e do perdão dos pecados que serão proclamados em Seu nome, começando em Jerusalém. Atos registra esse anúncio e a reação que ele provoca.

Permitindo que a Escritura examine o intérprete

A Hebreus 4:12 descreve a Palavra de Deus como viva, poderosa e capaz de discernir os pensamentos e intenções do coração. A passagem circundante alerta contra a incredulidade e a desobediência através do exemplo de Israel no deserto. Os leitores são exortados a responder fielmente à voz de Deus.

As Escrituras podem revelar a distância entre o que dizemos que desejamos e o que nossas escolhas revelam. Podemos pedir paz ao mesmo tempo em que recusamos uma confissão necessária. Podemos procurar orientação enquanto resistimos a um comando já claro. Podemos desejar uma companhia restaurada enquanto continuamos a falar desprezosamente sobre as pessoas envolvidas.

Tiago aborda isto diretamente: " Mas sejam praticantes da palavra, e não só ouvintes, enganando-se a si mesmos " (Tiago 1:22). Ele compara a audição sem agir a olhar num espelho e depois esquecer o que temos visto.

Isto pode ser simples e exigente. Uma lição sobre falar a verdade pode exigir que corrigamos uma afirmação antes de ensinar outra lição. Uma passagem sobre oração pode nos pedir a restaurar um hábito negligenciado. Um mandamento sobre bondade pode mudar a forma como começamos a próxima conversa com nosso cônjuge.

A Palavra dentro de uma vida cheia de Espírito

Os discípulos mais tarde se lembraram do efeito interior de Jesus abrir as Escrituras. Ainda mais tarde, Jesus abre o entendimento dos discípulos reunidos para que possam compreender as Escrituras (Lucas 24:45). Ele também lhes diz que esperem poder do alto. Entender a Palavra e receber o poder divino fazem parte da missão que Ele lhes dá.

Os Atos continuam esse padrão. Os que recebem a palavra são batizados, e os crentes continuam firmemente na doutrina dos apóstolos, na comunhão, na quebra do pão e nas orações (Atos 2:41–42). A comunidade cheia de Espírito cresce através do ensino, da vida compartilhada, da adoração e da obediência.

Devemos acolher a experiência espiritual enquanto aprendemos a discernê-la através do testemunho apostólico. Um sentimento poderoso merece ser examinado. O mesmo acontece com uma forte impressão ou uma reivindicação de orientação divina. As Escrituras dão à igreja um fundamento confiável para esse discernimento.

O conhecimento pode tornar-se fonte de orgulho quando separado do amor e da submissão. Nosso objetivo é conhecer o Senhor fielmente e tornar-nos pessoas cujas vidas refletem a Sua verdade.

Trazer esta maneira de ler para as nossas casas

Podemos ler uma passagem juntos e perguntar o que aconteceu, o que os versículos circundantes explicam e que resposta o texto exige. Podemos reconhecer quando precisamos de estudar mais. Podemos mostrar aos nossos filhos que as perguntas cuidadosas fazem parte de uma relação fiel com Deus.

Por exemplo, uma promessa da presença de Deus pode nos sustentar durante uma época incerta sem nos dizer exatamente como essa época terminará. Um mandamento de perdoar pode governar nossos corações, enquanto é necessária mais sabedoria sobre confiança e limites. Um apelo à busca de conselhos pode nos levar a ajuda prática.

Também precisamos de corrigir o modelo. Se um estudo posterior mostrar que não entendemos bem um versículo, podemos reconhecer isso claramente. A autoridade pertence às Escrituras, e nossa disposição para aprender honra essa autoridade.

Verdade central

As Escrituras nos dão a base para compreender a obra salvadora de Cristo e responder fielmente. Nossa conversão se aprofunda à medida que recebemos todo o testemunho da Palavra de Deus e deixamos que ela rege nossas vidas.

Exame do coração

1. Por que Jesus enfatiza acreditar em tudo o que os profetas disseram? Que verdades bíblicas recebemos prontamente, e quais tendemos a ignorar?

2. Como o Isaías 53 e o seu uso no Atos 8 nos ajudam a entender a relação entre o sofrimento do Messias e Sua missão salvífica?

3. Como se relaciona o Lucas 24:46–49 com a proclamação e a resposta registadas no Atos 2?

4. Quando lemos as Escrituras, procuramos primeiro entender o contexto da passagem, ou procuramos imediatamente uma conexão com nossa situação atual?

5. Que instrução clara compreendemos, mas demoramos a aplicar?

Resposta pessoal

Leia Lucas 24:25–27 e 44 " 49. Explique o que Jesus diz sobre Seu sofrimento, ressurreição e o anúncio que se segue. Em seguida, estude uma passagem relacionada a uma preocupação atual, considerando seu contexto e sua aplicação adequada. Identifique um ato de obediência e uma pergunta a apresentar a um professor de confiança.

Nossa declaração

Receberemos todo o conselho de Deus com corações ensináveis. Estudaremos cuidadosamente Sua Palavra, centraremos nossa esperança em Jesus Cristo e permitiremos que a verdade que compreendemos moldem o nosso modo de viver.

PARTE 07

«Fica conosco»: abrindo espaço para sua presença

> *“E chegaram à aldeia para onde iam, e ele fez como quem ia para mais longe. E eles o constrangeram, dizendo: Fica conosco, porque já é tarde, e já declinou o dia. E entrou para ficar com eles.”*
> *Lucas 24:28–29, ARC*

A viagem chega a um momento decisivo. Jesus caminhou ao lado dos discípulos, ouviu o relato deles e abriu as Escrituras sobre si mesmo. Agora se aproximam da aldeia que era o destino deles. A conversa pode acabar aqui. O viajante parece pronto para continuar, e os discípulos poderiam deixá-lo ir.

Residir connosco é um simples convite, oferecido à medida que se aproxima a noite. Eles ainda não reconheceram Jesus, mas querem que este encontro continue. Aquele que se juntou a eles no caminho é bem recebido no lugar onde ficarão.

Lucas nos dá uma cena concreta de hospitalidade. Os viajantes chegaram a uma aldeia tarde no dia. Os discípulos insistiram no seu companheiro para aceitar o seu acolhimento, e Ele entrou para ficar com eles. Antes de tirar o seu significado espiritual, devemos primeiro receber a passagem nesse contexto comum.

Este momento nos convida a considerar a nossa reação à verdade que recebemos. Podemos aceitar uma palavra que nos provoca, apreciar uma conversa que nos ajuda ou sentir-nos profundamente comovidos quando se nos abre uma Escritura. Temos então de decidir o lugar que essa verdade terá em nossas vidas comuns.

O convite dentro da história

A palavra "restringido" descreve a força do seu impulso. Não significa que Jesus seja dominado ou forçado contra a Sua vontade. Eles são sinceramente recebidos. Querem que Ele permaneça, e Ele entra voluntariamente.

Esta é uma distinção importante para nossa aplicação espiritual. Não controlamos o Senhor com intensidade, fórmulas ou esforço religioso. Sua presença nunca é uma mercadoria que possamos obter aplicando pressão suficiente. O versículo descreve a resposta graciosa de Jesus a um convite sincero.

A cena também mantém uma ordem significativa. Jesus já se aproximou antes de o convidarem a ficar. A hospitalidade deles responde a um encontro que Ele iniciou. Estão recebendo Aquele que veio primeiro ao seu lado.

A nossa resposta a Deus cresce pela Sua graça. Não criamos Sua vontade de cuidar de nós. Respondemos à misericórdia que Ele já mostrou.

Quando um encontro pede espaço em nossas vidas

Há momentos em que a Palavra nos chega com claridade incomum. Um sermão expõe uma suposição que defendemos. Uma passagem põe em foco uma responsabilidade negligenciada. Uma conversa ajuda-nos a reconhecer que a nossa direção precisa mudar.

Podemos admirar uma percepção sem permitir que ela altere nossos hábitos. Podemos concordar que a oração é necessária, enquanto continuamos a não dar lugar a ela no nosso programa. Podemos apreciar um ensinamento sobre o casamento, enquanto levamos o mesmo desprezo para a próxima discórdia. Podemos reconhecer o perigo da suspeita enquanto continuamos a repetir um relato não verificado.

Jesus descreve essa diferença no final de Seu ensinamento em Lucas 6. Ele compara a pessoa que vem a Ele, ouve Suas palavras e as faz com alguém que constrói uma casa sobre um fundamento profundo. Quando surge a inundação, a casa fica em pé porque foi estabelecida com segurança (Lucas 6:47–48).

A pessoa que ouve sem agir é comparada a um construtor que coloca uma casa sobre a terra sem os fundamentos. A tempestade revela a fraqueza do que foi construído.

Dar espaço a Jesus, portanto, inclui dar espaço às Suas palavras para moldar a conduta. Damos lugar ao seu ensinamento nas decisões que tomamos, nos relacionamentos que mantemos e nas responsabilidades que assumimos. As imagens da casa tornam-se especialmente interessantes quando consideramos o que acontece após o fim de um culto ou estudo.

A hospitalidade e a disposição de receber

A hospitalidade exige que interrompamos os nossos arranjos privados para o bem de outra pessoa. Partilhamos espaço, tempo, atenção e recursos. Os discípulos de Emaús oferecem tal acolhimento a alguém cuja identidade ainda não compreendem.

Sua ação pertence a uma preocupação bíblica mais ampla em receber os outros. O Hebreus 13:2 instrui os crentes, " Não se esqueçam de acolher os estrangeiros: pois, por isso, alguns acolheram anjos sem saber. " O versículo encoraja a hospitalidade, lembrando ocasiões em que a importância de um convidado excedeu o que o anfitrião inicialmente sabia.

Nossos lares podem tornar-se lugares onde as pessoas são ouvidas, encorajadas, ensinadas e cuidadas. Uma refeição pode abrir espaço para uma conversa que, de outra forma, continuaria apressada. Um convite atencioso pode ajudar alguém a passar do isolamento para a companhia. Um ambiente acolhedor

pode permitir que uma pessoa faça perguntas sobre a fé sem medo de vergonha.

A hospitalidade também requer sabedoria. As famílias têm limites, responsabilidades e necessidades de descanso e privacidade. Algumas situações exigem limites adequados. A acolhimento cristão pode tomar várias formas e deve ser praticado com responsabilidade.

Uma casa com espaço para Sua Palavra

O Evangelho de Lucas relata outro encontro doméstico que nos ajuda a considerar a relação entre acolhimento e atenção. Em Lucas 10:38–42, Marta recebe Jesus em sua casa. Sua irmã Maria sentou-se aos pés de Jesus e ouvia Sua palavra. Marta fica sobrecarregada por servir e pede a Jesus para intervir.

A passagem não condena o serviço. A hospitalidade de Marta é significativa, e o Evangelho em outro lugar nos chama a um amor ativo. A preocupação é a forma como muitas responsabilidades a deixaram distraída e preocupada enquanto a oportunidade de ouvir Jesus estava presente.

Esta é uma tensão familiar em nossas casas e ministérios. Podemos estar empenhados em trabalho valioso e ainda ficar desatentos do Senhor. Podemos organizar culturas, ensinar lições, cuidar de outros e manter uma família ocupada, enquanto não prestamos atenção constante à Palavra que deve nos moldar.

Para algumas famílias, isso pode significar um tempo regular para ler uma passagem juntos. Para outros, pode começar com uma breve e consistente conversa sobre as Escrituras, em vez de um plano ambicioso que não pode ser mantido. Um pai pode precisar colocar um aparelho de lado enquanto o filho faz uma pergunta espiritual. Um líder de ministério talvez precise recuperar o estudo pessoal que serve o coração antes de preparar material para os outros.

Devemos procurar a fidelidade em vez de a performance. A saúde espiritual de um lar não pode ser medida pelo quão impressionante parece a sua rotina de devoção. A questão é se estamos aprendendo a receber a verdade de Deus e a responder juntos.

" Fiquem em mim ": a vida contínua de discipulado

O convite " Reside with us " em Lucas 24 diz respeito a Jesus ficar com os discípulos naquela noite. A João 15 usa a linguagem de perseverar para descrever a relação contínua dos discípulos com Cristo. As passagens têm diferentes configurações e propósitos, mas o ensinamento de João nos ajuda a desenvolver a questão mais ampla da comunhão sustentada com o Senhor.

> *“Estai em mim, e eu, em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em mim.”*
> *João 15:4, ARC*

A imagem estabelece dependência. Um ramo recebe a sua vida através da sua conexão com a videira. A fecundidade cresce a partir desse relacionamento vivo.

Jesus continua ligando a obediência às Suas palavras, amor e mandamentos. Seu ensinamento dá significado ao relacionamento. Permanecer em Ele envolve receber o que Ele diz e continuar no amor obediente.

A Ele retornaremos quando pecarmos. Recebemos correção. Tiramos força da Sua Palavra. Levamos as nossas necessidades diante dele. Aprendemos a amar as pessoas que Ele nos ordena a amar. Continuamos a ser dependentes quando o nosso serviço dá fruto e quando parece difícil ver o progresso.

Receber Jesus nos lugares que preferimos administrar

Podemos falar abertamente sobre a adoração, ao mesmo tempo em que nos oponemos ao que as Escrituras dizem sobre nosso discurso em casa. Podemos desejar orientação para o ministério, evitando a responsabilidade na administração financeira. Podemos buscar conforto sobre a desilusão ao mesmo tempo em que recusamos a conversa necessária para abordar nossa própria conduta.

Colossenses 3:16 diz, " Que a palavra de Cristo habite em vós ricamente em toda sabedoria. " Paulo dirige-se a uma comunidade chamada a deixar as práticas da velha vida e vestir compaixão, bondade, humildade, mansidão, paciência, perdão e amor. A rica morada da Palavra pertence a essa vida compartilhada transformada.

O seguinte versículo estende o escopo: " E o que quer que façais em palavra ou ação, fazei tudo em nome do Senhor Jesus " (Colossenses 3:17). As nossas palavras e ações são trazidas sob Seu nome.

Isso dá ao nosso convite um significado prático. Acolhemos a Sua verdade na forma como discordamos, administramos os recursos, usamos nosso tempo, servimos aos outros e respondemos à frustração. Perguntamos como a nossa conduta pode honrar Aquele que confessamos como Senhor.

Algumas mudanças exigirão confissão. Outros precisarão de instrução, apoio ou prática repetida. A postura essencial é a abertura: permitimos que a Palavra aborde o que anteriormente protegemos do exame.

Verdade central

Fazemos espaço para Jesus ao receber a Sua Palavra e deixá-la moldar a vida comum. A comunhão contínua com Ele cresce através da dependência, atenção e amor obediente.

Exame do coração

1. Que motivo os discípulos dão para pedirem ao seu companheiro que fique? Como o respeito ao ambiente comum nos ajuda a aplicar fielmente a passagem?

2. Que verdade nos desafiou ou nos encorajou recentemente? Que lugar tem recebido na nossa conduta desde que a ouvimos pela primeira vez?

3. O que revela o relato de Marta e Maria sobre a tensão entre serviço valioso e escuta atenta?

4. Em João 15:1–12, como Jesus conecta a permanência com dependência, Suas palavras, obediência e amor?

5. Há alguma área da nossa casa ou da nossa vida pessoal em que aceitamos encorajamento, mas resistimos à instrução de Cristo?

Resposta pessoal

Escolha uma verdade deste estudo que precisa de um lugar mais claro na vida diária. Cite um hábito sustentável que nos ajudará a receber e obedecer a Palavra. Discuta-o com a família ou com um crente de confiança. Depois, planeje um ato de hospitalidade ponderado ou atenção paciente que sirva a outra pessoa.

Nossa declaração

Vamos fazer espaço para o Senhor na vida comum de nossas casas. Receberemos Sua Palavra, continuaremos dependentes Dele e deixaremos que Sua verdade moldem nossa atenção, relacionamentos e escolhas.

PARTE 08

Olhos abertos e corações ardentes

> *“E aconteceu que, estando com eles à mesa, tomando o pão, o abençoou e partiu-o e lho deu. Abriram-se-lhes, então, os olhos, e o conheceram, e ele desapareceu-lhes. E disseram um para o outro: Porventura, não ardia em nós o nosso coração quando, pelo caminho, nos falava e quando nos abria as Escrituras?”*
> *Lucas 24:30–32, ARC*

Os discípulos acolheram seu companheiro de viagem no lugar onde ficariam. A conversa que começou na estrada continua em torno de uma mesa. Então, Jesus toma pão, abençoá-lo, quebra-o e dá-lhes. Nesse instante, seus olhos se abriram e reconheceram-no.

Aquele que achavam que tinham perdido andava ao lado deles. Aquele cuja morte eles descreveram estava ensinando-os. Aquele que esperavam redimir Israel está vivo, e sua compreensão da redenção deve agora ser reconstruída em torno de Seu sofrimento e ressurreição.

Suas circunstâncias não mudaram. Jesus ainda estava crucificado. O sofrimento que testemunharam continua a fazer parte da história. A diferença é que a crucificação não pode mais ser interpretada sem o Senhor ressuscitado. A sua dor encontrou uma realidade que não poderia criar por si mesma.

Este é o centro da sua inversão. Reconhecem Jesus, e esse reconhecimento muda a forma como entendem o caminho atrás deles e a responsabilidade diante deles.

O convidado que toma o pão

Lucas descreve isso com linguagem que lembra cenas anteriores. Quando Jesus alimenta a multidão, toma os pães, os abençoa, os quebra e dá-los aos discípulos para distribuí-los (Lucas 9:16). Na Última Ceia, Ele toma pão, dá graças, parte-o e dá-o aos Seus discípulos, explicando a sua relação com o Seu corpo dado por eles (Lucas 22:19).

Estes ecos nos ajudam a reconhecer a continuidade da identidade e do ministério de Jesus. O Senhor ressuscitado é o mesmo Jesus que alimentou os famintos e se entregou por Seu povo. Sua ressurreição não apagou Seu ministério terrestre nem o separou da cruz. A cena da mesa mostra Sua presença viva dentro dessa história contínua.

Também devemos respeitar o que Lucas deixa inexplicável. Ele não diz que esses dois discípulos estivessem presentes na refeição da multidão ou na Última Ceia. Ele não identifica um gesto específico que se lembraram ou afirma que reconheceram as marcas da crucificação quando Jesus manteve o pão.

Estas possibilidades não devem ser apresentadas como fatos.

A ênfase que Lucas nos dá é clara: " os olhos deles foram abertos, e eles o conheceram. " Mais tarde, os discípulos contam aos outros como Ele era conhecido por eles na quebra do pão (Lucas 24:35). O reconhecimento ocorre na mesa através da auto-revelação do Senhor.

O reconhecimento vem como um presente.

Receber reconhecimento do Senhor não torna desnecessário o estudo, a reflexão ou a atenção. Jesus passou a viagem ensinando-os. O relato une instrução cuidadosa com revelação graciosa. As suas mentes são dirigidas através das Escrituras, e seus olhos são abertos para a identidade daquele que estava ensinando.

Paulo expressa essa dependência em sua oração pelos crentes de Éfeso. Ele pede que os olhos de vosso entendimento sejam iluminados para que conheçam a esperança da chamada de Deus, a riqueza da Sua herança entre os santos e a grandeza do Seu poder sobre os crentes (Efésios 1:18–19). A oração se move para o poder manifestado na ressurreição e exaltação de Cristo.

Paulo escreve a pessoas que já ouviram o evangelho e acreditaram. Eles ainda precisam crescer no entendimento do que Deus fez e do que isso significa para eles.

Também continuamos a precisar de iluminação. Conhecer a língua cristã não significa que tenhamos entendido plenamente as suas implicações. Podemos falar de graça, enquanto permanecemos relutantes em se arrepender. Podemos afirmar a ressurreição enquanto permitimos que o medo domine nossas escolhas. Podemos ensinar sobre o corpo de Cristo enquanto negligenciamos nossa responsabilidade para com os seus membros.

Quando Jesus se move além das formas que esperamos

O sermão chama a atenção para o padrão familiar de Jesus tomar, abençoar, partir e dar pão. Desafia a igreja a permanecer aberta ao Senhor trabalhando além das nossas expectativas estabelecidas.

Essa aplicação merece um desenvolvimento cuidadoso. Lucas não diz explicitamente que os discípulos pudessem reconhecer Jesus apenas através de um ritual familiar. Os olhos deles foram mantidos, e agora estão abertos. Devemos preservar essa explicação enquanto recebemos o aviso mais amplo contra limitar a obra de Deus às nossas preferências.

As nossas experiências passadas podem nos ajudar a lembrar-nos de Sua fidelidade. Também podem tornar-se o padrão que exigimos que repita. Podemos começar a esperar que cada serviço significativo se desenvolva na mesma sequência, cada testemunho para se assemelhar ao nosso, ou cada crescimento de pessoa para seguir o caminho mais familiar para nós.

As Escrituras dão à igreja uma verdade duradoura pela qual discernir. A identidade de Jesus, o evangelho apostólico, a santidade, o amor e a obediência continuam sendo essenciais. Preferências culturais, expressões familiares e métodos particulares exigem um tipo diferente de julgamento. Temos de aprender a distinguir a convicção bíblica das formas pelas quais a encontramos pela primeira vez.

Isto é importante numa igreja multicultural. O mesmo evangelho atinge pessoas de diferentes línguas, histórias e maneiras de expressar gratidão, tristeza e alegria. A fidelidade requer doutrina clara e compreensão paciente. Devemos aceitar o que concorda com as Escrituras, mesmo quando a expressão parece estranha.

O coração ardente e as Escrituras abertas

Depois que Jesus desaparece de seus olhos, os discípulos refletem sobre a viagem: " Não ardeu nosso coração dentro de nós, enquanto falava conosco no caminho, e enquanto nos abria as escrituras? "

Lucas não fornece uma descrição detalhada dessa queima interior. Devemos evitar transformar a frase em uma fórmula para o que cada encontro genuíno com Deus deve sentir. Os discípulos relatam sua própria experiência de ouvir Jesus explicar as Escrituras.

Isso nos dá uma rica compreensão da instrução bíblica. Um bom ensinamento pode despertar admiração, convicção, arrependimento, gratidão e esperança. A Palavra se dirige a toda a pessoa. Somos chamados a compreender a verdade, a aceitá-la com fé e a reagir com a nossa vida.

Ao mesmo tempo, a intensidade de uma emoção não pode estabelecer a precisão de uma interpretação. Ainda examinamos o que está sendo ensinado. A experiência torna-se confiável à medida que permanece responsável pela verdade da Palavra de Deus.

Ele desaparece, mas a verdade permanece

No momento em que o reconhecem, Jesus desaparece de seus olhos. A refeição não se torna uma oportunidade prolongada de fazer todas as perguntas que eles podem ter querido fazer.

No entanto, o seu desaparecimento não os torna à sua incerteza anterior. Reconheceram-no. Eles receberam o seu ensinamento. Eles podem testemunhar que o Senhor está vivo.

Pedro reflete sobre um encontro notável quando descreve testemunhar a majestade de Cristo no monte. Ele e os outros apóstolos ouviram a voz celestial, e Pedro registra essa experiência como testemunho genuíno. Ele então dirige a atenção para a palavra profética, exortando os crentes a prestá-la atenção como uma luz que brilha em um lugar escuro (2 Pedro 1:16–19).

Uma experiência poderosa não elimina nossa necessidade contínua da Palavra. Deve fortalecer nossa atenção ao que Deus revelou.

Os discípulos em Emaús não conseguem manter Jesus visível à mesa. Podem responder ao Senhor ressuscitado retornando aos crentes reunidos e compartilhando o que aconteceu. O reconhecimento cria responsabilidade.

Reconhecimento que chega às nossas famílias

Uma compreensão aberta deve afetar as pessoas mais próximas de nós. Se chegamos a ver mais claramente a misericórdia de Cristo, esse entendimento deve moldar nossa disposição de nos arrepender, perdoar, ouvir e servir.

Primeiro João conecta a afirmação de conhecer a Deus com a obediência: " E aqui sabemos que o conhecemos, se guardamos os seus mandamentos " (1 João 2:3). A carta mais tarde liga o amor a Deus ao amor aos irmãos e irmãs. Nossa confissão é examinada através da conduta.

Esses passagens não ensinam que ganhamos uma relação com Deus por meio de um comportamento perfeito. Insistem que conhecê-lo tem consequências morais. A sua verdade começa a mudar a forma como vivemos.

Portanto, nossas famílias devem ser capazes de observar os frutos do que aprendemos. Um estudo sobre a misericórdia pode nos levar a reconhecer onde temos falado duramente. Uma compreensão mais profunda da graça pode nos tornar mais pacientes com o crescimento de alguém. Reconhecer a autoridade de Cristo pode nos levar a resolver um hábito que desculpamos.

Também devemos ter paciência com o ritmo de formação. Um momento de convicção não elimina todos os padrões estabelecidos. Muitas vezes, uma mudança genuína requer repetida obediência, responsabilidade e cuidado. Devemos procurar orientação fiel e frutos crescentes em vez de exigir uma aparência imediata de perfeição.

Os pais podem ajudar os filhos a entender isso, falando especificamente sobre o que a Palavra de Deus nos ensina e depois seguindo-o. Os cônjuges podem discutir uma mudança que precisam praticar e dar espaço um ao outro para uma responsabilidade honesta.

Verdade central

Reconhecer Jesus torna Sua Palavra, Sua obra salvadora e nossa reação mais claras. Um coração movido pela verdade produz frutos à medida que vivemos fielmente e fortalecemos os outros.

Exame do coração

1. O que diz Lucas explicitamente sobre como os discípulos reconheceram Jesus? Que detalhes devemos evitar adicionar como se estivessem nos textos?

2. Que conexão faz o Lucas 24:32 entre a resposta interna dos discípulos e a abertura das Escrituras?

3. Onde permitimos que um método familiar, uma expressão cultural ou experiência passada se tornem o nosso principal teste da obra de Deus?

4. Como podemos acolher a experiência espiritual sincera enquanto continuamos a examinar o ensino das Escrituras?

5. Que mudança a verdade que recebemos deve produzir na forma como tratamos nosso cônjuge, filhos, irmãos ou pessoas a quem servimos?

Resposta pessoal

Leia o Lucas 24:30–35 e acompanhe o movimento do reconhecimento à resposta. Identifique uma verdade sobre Jesus que se tornou mais clara, seu fundamento bíblico e suas consequências práticas para a nossa conduta. Planeje uma conversa sincera ou um ato de cuidado através do qual esse entendimento possa fortalecer outra pessoa.

Nossa declaração

Receberemos a luz da Palavra de Deus com corações humildes e receptivos. Deixaremos que o que aprendemos sobre Jesus mude nossa conduta e se torne uma fonte de verdadeiro encorajamento para os outros.

PARTE 09

A misericórdia que nos chama a voltar

> *“Abriram-se-lhes, então, os olhos, e o conheceram, e ele desapareceu-lhes. E disseram um para o outro: Porventura, não ardia em nós o nosso coração quando, pelo caminho, nos falava e quando nos abria as Escrituras? E, na mesma hora, levantando-se, voltaram para Jerusalém e acharam congregados os onze e os que estavam com eles,”*
> *Lucas 24:31–33, ARC*

O encontro dos discípulos com Jesus chega além do reconhecimento. Uma vez que entendem quem vem caminhando com eles, respondem. O lugar onde pretendem ficar para a noite torna-se o lugar de onde começam outra viagem. Eles se levantam na mesma hora e retornam a Jerusalém.

A estrada tornou-se parte de uma história diferente. Anteriormente, viajaram discutindo uma esperança que não podiam reconciliar com a crucificação. Agora retornam levando testemunho de que Jesus está vivo. Seus ensinamentos corrigiram seu entendimento, e Sua auto-revelação lhes deu razão para agir.

Esta parte do estudo nos leva à relação entre a graça e o arrependimento. A bondade de Deus nos alcança na nossa necessidade, e Sua bondade nos chama à verdade. Somos convidados a receber conforto, correção e uma orientação alterada como parte de Sua obra de restauração.

Para alguns de nós, essa mudança diz respeito a uma interpretação que devemos reconsiderar. Para outros, envolve um padrão de fala, uma responsabilidade negligenciada ou um ato claro de desobediência. Devemos identificar a necessidade com precisão. Toda incerteza não é um pecado, e toda mudança de plano não é arrependimento. No entanto, quando o Senhor expõe incredulidade, orgulho, engano, amargura ou resistência a Seus mandamentos, Sua misericórdia nos chama a responder honestamente.

Misericórdia que toma a nossa orientação a sério

Às vezes desejamos uma forma de misericórdia que nos tranquilize, deixando as nossas escolhas sem exame. Queremos alívio das consequências de uma direção que permanecemos determinados a seguir. As Escrituras revelam uma bondade mais profunda: Deus procura a nossa restauração.

Romanos 2:4 pergunta, " Ou desprezas as riquezas de Sua bondade e paciência e longanimidade, não sabendo que a bondade de Deus te leva ao arrependimento? "

A configuração dá peso ao versículo. Paulo se dirige à pessoa que julga os outros enquanto praticam o mal. Tal pessoa pode confundir a paciência de Deus com a salvação do julgamento. Paulo explica que a bondade divina pretende conduzir ao arrependimento.

Em nossas vidas, a misericórdia pode tornar-se reconhecível através da convicção, de uma conversa sincera, de uma inconsistência exposta ou da instrução paciente das Escrituras. A experiência pode ser desconfortável porque algo que defendemos está a ser trazido à luz.

Só o desconforto não prova que uma mensagem é de Deus. Temos de examinar o que se diz. Mas, quando as Escrituras expõem claramente a nossa conduta, o desconforto da convicção pode tornar-se o início da restauração.

O arrependimento nomeia o que precisa mudar.

O relato de Emaús descreve um retorno a Jerusalém após o reconhecimento do Cristo ressuscitado. Lucas não define explicitamente a viagem de volta deles como um ato de arrependimento. Devemos preservar essa distinção ao mesmo tempo em que recebemos sua poderosa imagem de mudança de compreensão produzindo mudança de movimento.

Em outro lugar, as Escrituras falam diretamente sobre o arrependimento. Em Atos 3:19, Pedro chama os seus ouvintes a arrependerem-se, portanto, e se converterem, para que os seus pecados sejam apagados. Em Atos 26:20, Paulo descreve a proclamação de que as pessoas devem se arrepender, voltar-se a Deus e fazer obras adequadas ao arrependimento.

O arrependimento exige, portanto, que sejamos específicos. Podemos sentir-nos em geral insatisfeitos com nós mesmos sem identificar o que exige obediência. O arrependimento geral pode permanecer vago o suficiente para evitar mudanças.

Precisamos de perguntar o que o Senhor revelou. Falhamos? Recusamos-nos a uma responsabilidade? Já usamos a raiva para intimidar alguém? Retiramos-nos da oração enquanto defendemos a retirada? Já considerámos o fracasso de outra pessoa como permissão para o nosso?

Também devemos evitar confessar culpa por coisas que não são nossas para carregar. Ser ferido por outra pessoa não nos torna responsáveis pelo seu mal. Precisar de proteção não requer arrependimento. Sentir tristeza, fazer perguntas sinceras ou procurar ajuda apropriada não deve ser tratado como falhas morais.

A confissão precisa diz respeito ao que fizemos, falhamos de fazer ou continuamos conscientemente contra a instrução de Deus. A verdade que expõe o pecado também nos protege da falsa culpa.

Pedro e a possibilidade de restauração

> *“Disse também o Senhor: Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo. Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, quando te converteres, confirma teus irmãos.”*
> *Lucas 22:31–32, ARC*

A confiança de Pedro excede a sua disposição. Quando a crise chega, ele nega o Senhor. Lucas relata que Jesus olha para Pedro, Pedro se lembra de Suas palavras, e ele sai e chora amargamente (Lucas 22:61–62).

Isto é um fracasso devastador. É também um fracasso que Jesus já abordou dentro de uma promessa de oração e de um chamado ao serviço futuro: quando Pedro voltar, ele deve fortalecer seus irmãos.

Por Lucas 24:34, os crentes reunidos estão declarando que o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão. Paulo também inclui uma aparição a Cefas em seu resumo do testemunho da ressurreição (1 Coríntios 15:5). Os textos estabelecem essa aparência sem nos dar um relato completo da conversa.

Devemos resistir a inventar os detalhes. O que podemos dizer é suficientemente significativo: a negação de Pedro não impede que o Senhor ressuscitado lhe apareça, e a história de Pedro continua dentro da missão apostólica.

Seu fracasso requer verdade, tristeza e restauração. Não recebe autoridade para definir todo o seu futuro.

Isto dá esperança aos que reconhecem uma grave inconsistência entre a nossa profissão e a nossa conduta. Podemos enfrentar o que aconteceu honestamente e buscar a graça restauradora do Senhor. Sua misericórdia não exige que minimizemos nosso pecado.

Lamento que se move para uma reação fiel

O 2 Coríntios 7 descreve uma discussão dolorosa entre Paulo e a igreja de Corinto. Paulo havia escrito uma carta que os entristecia. Agora ele se alegra porque a dor deles levou ao arrependimento.

> *“Porque a tristeza segundo Deus opera arrependimento para a salvação, da qual ninguém se arrepende; mas a tristeza do mundo opera a morte.”*
> *2 Coríntios 7:10, ARC*

Podemos nos arrepender de ter sido expostos enquanto permanecemos comprometidos com o comportamento. Podemos lamentar aparências danificadas mais do que relacionamentos danificados. Podemos ficar consumidos com a forma como os outros nos veem agora, sem prestar muita atenção ao que é necessário reparar.

A tristeza piedosa nos move a uma reação sincera diante de Deus. Ela se torna disposta a confessar, receber correção, corrigir o dano e obedecer.

Isto não significa que a profundidade do arrependimento possa ser medida por emoções visíveis. Algumas pessoas choram livremente; outras respondem mais silenciosamente. As lágrimas podem acompanhar o arrependimento, mas a presença ou ausência delas não resolve o assunto. Devemos procurar honestidade, responsabilidade e mudança de direção.

Confissão sem argumento anexado

> *"Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça."*
> *1 João 1:9, ARC*

A passagem circundante enfrenta a negação do pecado. Caminhar na luz inclui ser honestos quanto às nossas necessidades e confiar na provisão de Cristo.

A confissão harmoniza o nosso relato com a verdade. Deixamos de renomear o que fizemos para facilitar a defesa.

Talvez tenhamos descrito a fofoca como preocupação, desprezo como honestidade, controle como liderança ou recusa a perdoar como discernimento. Essas explicações precisam ser examinadas. A preocupação legítima, a fala sincera, a liderança e o discernimento têm todos um significado bíblico. Nós os desonramos quando usamos seus nomes para proteger uma conduta que as Escrituras condenam.

O contexto pode nos ajudar a entender como um padrão se desenvolveu, e o cuidado adequado pode ser necessário para abordar essa história. O contexto não elimina a responsabilidade pelas nossas próprias escolhas. Podemos reconhecer o que nos moldou enquanto assumimos responsabilidade por como agimos.

A promessa de perdão torna possível esta honestidade. Não precisamos convencer Deus de que nosso pecado era menos grave do que era. Nós vimos a Ele confiando na Sua fidelidade e na provisão salvífica de Jesus Cristo.

O fruto do arrependimento nas relações

Zaqueu dá um exemplo. Depois de receber Jesus em sua casa, ele fala de dar aos pobres e de restaurar o que tomou injustamente (Lucas 19:8). Sua resposta dá uma expressão concreta de uma mudança de orientação em relação ao dinheiro e aos seus vizinhos.

Para nós, a reparação pode envolver devolver bens, corrigir uma declaração falsa, reconhecer uma decisão injusta ou pedir desculpas específicas. Também pode envolver aceitar as consequências e permitir tempo para se desenvolver a confiança.

Um pedido de desculpas não deve exigir uma resposta imediata da pessoa ferida. Podemos confessar sinceramente, reconhecendo que o perdão, a reconciliação, a confiança restaurada e a responsabilidade restaurada envolvem considerações distintas. A segurança e os limites adequados continuam a ser importantes.

Devemos ser especialmente cuidadosos com as nossas famílias. A posição de um pai não elimina a necessidade de pedir desculpas a um filho. Um papel no ministério não torna menos importantes as preocupações do cônjuge. Os mais próximos de nós devem experimentar nossa disposição para assumir responsabilidades.

Uma confissão específica pode começar a curar onde expressões vagas têm falhado repetidamente. Nós nomeamos a ação, reconhecemos o seu efeito e explicamos a mudança que estamos empenhados em fazer. Então, nossa conduta deve apoiar nossas palavras.

Aceitar ajuda enquanto mudamos de direção

Alguns padrões estão profundamente estabelecidos. Podemos nos arrepender sinceramente e ainda precisar de ajuda contínua para desenvolver um modo de vida diferente. A Escritura nos coloca dentro de um corpo porque o discipulado inclui o cuidado mútuo.

A Gálatas 6:1 instrui aqueles que são espirituais a restaurar com mansidão alguém alcançado em erro. O versículo seguinte chama os crentes a carregarem os fardos uns dos outros. A restauração envolve a responsabilidade pessoal e o cuidado compartilhado.

Dependendo da situação, a ajuda pode incluir orientação pastoral, prestação de contas, aconselhamento, apoio prático ou outro cuidado adequado. Receber essa ajuda pode fortalecer nossa reação a Deus. Devemos evitar tratar a dificuldade repetida como prova de que procurar apoio é desnecessário ou de que a fé genuína deve fazer desaparecer imediatamente todos os padrões.

Verdade central

A bondade de Deus nos chama ao arrependimento e à restauração. Respondemos à Sua misericórdia através de uma confissão honesta, de uma mudança de direção e do fruto prático da obediência.

Exame do coração

1. Como Jesus combina paciência e correção no encontro de Emaús? O que isso nos ensina sobre receber o Seu cuidado?

2. O que precisamos nomear com precisão como pecado, e que fardo de culpa falsa precisamos deixar de carregar?

3. Como o fracasso de Pedro e a história contínua nos ajudam a manter juntos a responsabilidade e a esperança?

4. O que produz a nossa tristeza atualmente: ocultar-se, defender-se, ficar sem esperança ou estar disposto a responder com sinceridade?

5. Onde o arrependimento requer um ato prático de reparação, um pedido específico de desculpas ou aceitação das consequências apropriadas?

Resposta pessoal

Identifique uma mudança que a Palavra do Senhor deixou clara. Cite a nossa própria conduta com precisão, sem aceitar a responsabilidade pelo erro de outra pessoa. Descreva o que requer confissão, reparação ou prestação de contas. Faça um passo concreto prontamente, reconhecendo que reconstruir a confiança pode exigir conduta consistente e tempo.

Nossa declaração

Receberemos a misericórdia que nos chama a arrepender-nos. Confessaremos honestamente, aceitaremos ajuda fiel e deixaremos que a nossa mudança de direção se torne visível através da obediência, responsabilidade e amor.

PARTE 10

Voltando a Jerusalém: vivendo nossa mudança de rumo

> *“E, na mesma hora, levantando-se, voltaram para Jerusalém e acharam congregados os onze e os que estavam com eles, os quais diziam: Ressuscitou, verdadeiramente, o Senhor e já apareceu a Simão. E eles lhes contaram o que lhes acontecera no caminho, e como deles foi conhecido no partir do pão.”*
> *Lucas 24:33–35, ARC*

Os discípulos que uma vez pediram ao seu companheiro que ficasse, porque se aproximava a noite, agora se levantam e retornam a Jerusalém na mesma hora. O atraso do dia permanece, mas o seu propósito mudou. Reconheceram Jesus e têm algo a partilhar com os crentes reunidos.

Seu retorno dá uma expressão visível do que aconteceu dentro deles. Jesus abriu as Escrituras e corrigiu seu entendimento. Seus olhos foram abertos à Sua identidade. Agora, os seus pés os levam para a comunidade de onde haviam saído.

A estrada de volta também os traz para uma história maior. Eles chegaram pronto para falar e descobriram que os crentes reunidos já tinham notícias: "O Senhor ressuscitou de verdade e apareceu a Simão". A experiência deles é significativa, e pertence entre outras testemunhas do que Deus fez.

" A mesma hora ": responder ao que se tornou claro

Lucas enfatiza a rapidez da resposta dos discípulos. Eles levantam-se na mesma hora. Anteriormente, eles haviam apelado à aproximação da noite como motivo para que seu companheiro ficasse. Agora eles escolhem fazer a viagem de volta.

Suas ações desafiam a distância que pode se desenvolver entre compreensão e obediência. Podemos ficar claros sobre o que precisa mudar e ainda adiar a resposta. Queremos outra confirmação, uma estação mais conveniente, ou um momento em que a conversa necessária se sentirá mais fácil.

Tiago 4:17 afirma, " Portanto, para quem sabe fazer o bem e não o faz, para ele é pecado. " A declaração segue a correcção de James sobre o planejamento presuntuoso. O conhecimento traz responsabilidade. Quando o bem que devemos fazer é claro, a recusa contínua tem significado moral.

Portanto, devemos identificar a próxima ação de fidelidade à nossa disposição. Podemos não ser capazes de reparar um relacionamento inteiro hoje, mas podemos pedir uma conversa. Podemos precisar de tempo para estabelecer um ritmo familiar mais saudável, mas podemos começar a discutir. Um padrão de fala descuidada pode chamar atenção constante, mas podemos corrigir a afirmação que já sabemos que era injusta.

Voltando com um relato diferente de Jesus

Os discípulos chegam com uma história diferente da que contaram no caminho. Anteriormente, descreveram um profeta crucificado e uma esperança que lutavam por manter. Eles relataram como Jesus os conheceu, como os ensinou e como os conheceu ao partir o pão.

Isto é importante para o nosso testemunho. Um relato fiel da obra de Deus não exige que ocultemos as partes difíceis de nossa jornada. Podemos reconhecer a confusão, a decepção e as formas em que nosso entendimento precisava de correção. Essa honestidade ajuda os outros a reconhecerem como a graça realmente atende as pessoas.

Devemos colocar Jesus no centro desse relato. O propósito é dar testemunho de Sua fidelidade e verdade, em vez de fazer da nossa confusão a característica mais convincente.

As nossas famílias e igreja precisam de testemunhos com este tipo de integridade. Podemos dizer que estávamos errados. Podemos reconhecer onde a decepção afetou nossa conduta. Podemos explicar o que as Escrituras revelam e como aprendemos a responder.

O testemunho torna-se mais forte quando a nossa conduta o apoia. Os que nos ouvem devem ser capazes de ver a crescente veracidade, humildade, amor e responsabilidade.

Chegando pronto para falar e disposto a ouvir

Os discípulos de Emaús retornam com notícias importantes, mas os crentes reunidos também têm algo a anunciar. Antes de os viajantes relatarem sua experiência, Lucas relata a declaração de que o Senhor apareceu a Simão.

Isto nos dá uma imagem valiosa da vida dentro do corpo de Cristo. A obra de Deus em nossas vidas importa, mas não esgota o que Ele está fazendo. Outras pessoas trazem o entendimento, o testemunho, a correção e o encorajamento que precisamos.

Podemos sair de uma época difícil com um forte senso do que o Senhor nos ensinou. Essa convicção deve aprofundar nossa disposição de contribuir, e deve permanecer aberta à vida mais ampla da igreja. Um encontro pessoal não nos deixa fora de instrução ou de responsabilidade.

1 Coríntios 12:21 diz: "E o olho não pode dizer à mão: Eu não preciso de ti; nem a cabeça aos pés: Eu não preciso de ti". Paulo explica a igreja através da interdependência de um corpo. Seus membros têm funções diferentes e pertencem uns aos outros.

Essa verdade nos protege do isolamento espiritual e da importância pessoal. Precisamos do encorajamento daqueles que aguentaram o que estamos entrando. Precisamos das perguntas daqueles que notam o que negligenciamos. Precisamos da fidelidade de pessoas cujo serviço pode ser menos visível do que o nosso.

A igreja reunida ainda precisa da instrução de Jesus

O regresso a Jerusalém não traz os discípulos a uma comunidade que já entende tudo. Imediatamente após a sua reportagem, Jesus está no meio deles e diz: "Paz a vós" (Lucas 24:36).

Os crentes reunidos respondem com medo, pensando que viram um espírito. Jesus aborda os seus corações perturbados e os pensamentos que surgem dentro deles. Ele mostra-lhes as Suas mãos e os Seus pés e convida-os a reconhecerem que Ele realmente está presente. Ele também come antes deles.

Lucas enfatiza a realidade física da ressurreição. Os discípulos encontram Jesus ressuscitado, cujo corpo crucificado já ressuscitou. Seu testemunho diz respeito a algo mais substancial do que uma memória, uma impressão interior, ou uma renovada admiração pelo Seu ensinamento.

Mesmo aqui, precisam de ajuda paciente. Lucas os descreve como lutando para crer por alegria e admiração (Lucas 24:41). Sua resposta é complexa, e Jesus continua a tornar-se conhecido.

Da ressurreição à proclamação do evangelho

Jesus explica aos discípulos reunidos que Seu sofrimento e ressurreição cumprem as Escrituras. Ele então identifica a mensagem a ser proclamada:

> *“e, em seu nome, se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém. E dessas coisas sois vós testemunhas.”*
> *Lucas 24:47–48, ARC*

A missão cresce diretamente a partir de quem é Jesus e do que Ele realizou. Sua morte e ressurreição estabelecem o fundamento para o anúncio do perdão e o chamado ao arrependimento.

O Atos 2 registra a proclamação apostólica e seu chamado a responder através do arrependimento, do batismo em nome de Jesus para a remissão dos pecados e da recepção do dom do Espírito Santo. Os que aceitam a palavra continuam no ensino dos apóstolos, na comunhão, no partido do pão e nas orações.

O nosso testemunho deve, portanto, apontar além da afirmação de que a vida se sente mais esperançosa. Damos testemunho de Jesus Cristo, o Senhor crucificado e ressuscitado, e convidamos as pessoas a receber a salvação proclamada em Seu nome.

Esperar como parte da obediência

O regresso rápido dos discípulos de Emaús é seguido dentro da narrativa maior por um comando para esperar. Jesus diz aos Seus seguidores que permaneçam até receberem o poder prometido.

O entusiasmo sozinho não pode estabelecer a preparação para todas as atribuições. Os discípulos viram Jesus, ouviram Seu ensinamento e receberam uma missão. Ainda precisam do poder prometido para a missão à frente.

Também precisamos de dependência do Espírito Santo. A preparação, a experiência e a convicção são importantes, mas não eliminam nossa necessidade de permitir o Senhor.

Esperar fielmente inclui oração, atenção e disposição para obedecer. Também pode envolver receber instrução, resolver uma preocupação ou permitir que uma obra de restauração se estabeleça antes de assumir uma responsabilidade.

Fazer a inversão visível em casa

A evidência mais convincente de uma mudança de direção aparece muitas vezes na vida comum. Nossas famílias observam se reagimos de forma diferente quando a pressão familiar retorna.

Se uma vez a decepção nos levou a suspeitar, fazemos agora uma pergunta esclarecedora? Se uma vez a frustração governou nosso tom, fazemos uma pausa e falamos com mais cuidado? Se nos afastamos regularmente da oração, estamos aprendendo a levar nossas preocupações a Deus? Se resistimos à correção, podemos agora escutar sem nos defender imediatamente?

Colossenses 3 coloca a Palavra de Cristo dentro de uma vida de compaixão, humildade, paciência, perdão e amor. O capítulo traz essas responsabilidades para os relacionamentos domésticos. A verdade que recebemos juntos deve entrar no lugar onde mais conhecemos as fraquezas uns dos outros.

Devemos fazer compromissos práticos que as nossas famílias entendam. Podemos concordar em perguntar antes de atribuir motivos, corrigir alegações não verificadas, manter um tempo regular para orar ou procurar ajuda quando um conflito permanece sem solução.

Precisamos também de graça para o crescimento contínuo. Uma resposta imperfeita deve levar-nos a confessar e a renovar a obediência, em vez de tornar-se uma desculpa para abandonar o compromisso. A coerência se desenvolve através da fidelidade repetida.

Continuar quando os sentimentos se acalmarem

O encontro em Emaús é extraordinário. O discipulado diário continua além desses momentos.

Colossenses 2:6–7 diz: " Como, pois, recebestes a Cristo Jesus Senhor, andai nele, enraizando-vos e edificando-vos nele, e estabilizando-vos na fé, conforme vos foi ensinado, abundando nela com ação de graças. "

Paulo se une a receber Cristo, continuando a andar nele. Raízes, crescimento, ensino, estabilidade e gratidão descrevem uma vida contínua.

Mantemos a nossa resposta através de práticas que nos mantêm atentos a Ele: Escritura, oração, adoração reunida, companhia, serviço e relações responsáveis. Estes são meios através dos quais as nossas vidas continuam a ser formadas.

Também devemos notar o retorno de suposições familiares. Sob pressão, podemos começar a repetir a mesma explicação que antes nos desviou de uma conduta fiel. Reconhecer esse padrão nos dá a oportunidade de responder antes.

Podemos fazer uma pausa, identificar o que se sabe, examinar o que assumimos e apresentar o assunto ao Senhor. Podemos procurar conselho antes que a nossa conclusão se torne uma decisão. Podemos voltar à passagem que nos ajudou a entender.

Verdade central

Uma mudança de rumo duradoura torna-se visível através de ação obediente, comunhão compartilhada e contínua dependência do Senhor. Nós recebemos a verdade de Cristo para que possamos andar fielmente e dar testemunho de Ele.

Exame do coração

1. Que mudanças ocorreram entre a chegada dos discípulos a Emaús e o seu retorno a Jerusalém? Como sua ação expressa seu novo entendimento?

2. O que descobrem quando chegam aos crentes reunidos? Como isso desafia uma visão isolada ou egoísta da experiência espiritual?

3. Como o sofrimento e a ressurreição de Cristo conduzem à mensagem e à missão descritas no Lucas 24:46–49?

4. Que evidência específica de mudança deve tornar-se visível em nossa casa ou nos relacionamentos mais próximos?

5. Que hábitos e relações nos ajudarão a continuarmos fielmente depois de passarmos a intensidade deste estudo?

Resposta pessoal

Identifique a mudança mais clara que este estudo nos convida a fazer e seu fundamento bíblico. Escolha uma ação para começar prontamente e um hábito para manter. Arranje conselhos adequados ou prestação de contas. Escreva um breve testemunho centrado em Jesus, reconhecendo o que permanece inacabado e a obediência que estamos assumindo.

Nossa declaração

Levantar-nos-emos e responderemos à verdade que recebemos. Caminharemos em comunhão, permaneceremos dependentes do Espírito Santo, e deixaremos que a vida de Jesus se reflita em nossas casas, em nosso serviço e em nosso testemunho.

CONCLUSÃO

O caminho não precisa terminar onde a decepção nos levava

O relato de Emaús começa com dois discípulos discutindo eventos que não entendem. Eles ouviram falar do túmulo vazio, mas não compreenderam a realidade da ressurreição. Lembram-se do que esperavam que Jesus fizesse, e lutam para conciliar essa esperança com Sua crucificação.

Ele ouve o relato deles, aborda a sua lentidão em acreditar e abre as Escrituras. Ele os ensina a compreender o Seu sofrimento dentro do propósito redentor de Deus. Quando chegaram à aldeia, Ele aceitou o convite deles para ficar. Na mesa, os olhos deles se abrem e reconhecem-no.

A viagem deles nos dá uma imagem da compreensão transformada através de um encontro com o Senhor ressuscitado. A cruz continua a fazer parte da história, mas não podem mais falar sobre ela como se Jesus ainda estivesse morto. Sua decepção deve agora ser entendida à luz de Sua ressurreição.

O que decidimos a situação significa

Nós experimentamos algo doloroso, e fornecemos uma explicação. Alguém se afastou e decidimos que não éramos desejados. Um plano falhou, e concluímos que o nosso futuro estava fechado. Uma oração permaneceu sem resposta, e começamos a falar como se Deus tivesse deixado de nos ouvir.

Podemos reconhecer essa diferença sem negar a nossa dor. Podemos descrever o que aconteceu, procurar uma compreensão verdadeira e permitir que as nossas conclusões sejam examinadas. Podemos parar de atribuir motivos onde não temos conhecimento. Podemos recusar-nos a transformar uma pergunta sem resposta em uma acusação contra Deus.

A esperança que estamos aprendendo a levar

Nós apresentamos nossos pedidos a Deus, distinguindo nossos desejos de resultados que Ele não garante. Nossa confiança nele deve ser capaz de suportar além da resposta específica que desejamos.

Os discípulos de Emaús precisavam compreender juntos o sofrimento e a glória do Messias. Precisamos do total testemunho das Escrituras para moldar nossas expectativas também. O Senhor chama-nos à fé, à santidade, ao amor, à perseverança e à dependência do Seu Espírito. Ele nos dá a esperança da ressurreição e uma herança que a morte não pode alcançar.

Podemos continuar confiando no Cristo ressuscitado enquanto lamentamos o que permanece sem solução. Podemos obedecê-lo sem saber todos os detalhes do que vem a seguir. Podemos receber a ajuda que Ele fornece e permanecer abertos à correção que precisamos.

A resposta que começa hoje

Para alguns de nós, o próximo passo é uma conversa que evitamos. Precisamos fazer uma pergunta honesta, corrigir uma declaração injusta, confessar um erro ou pedir ajuda.

Para outros, a resposta diz respeito à nossa relação com Deus. Precisamos voltar à oração, receber as Escrituras com um coração ensinável, ou abordar uma área clara de desobediência. Alguns talvez precisem estudar a resposta do evangelho mais plenamente com um pastor apostólico confiável: arrependimento, batismo em nome de Jesus e recebimento do Espírito Santo, como proclamado em Atos 2.

Dentro de nossos lares, talvez seja preciso mudar a forma como falamos sobre a decepção. Os nossos filhos devem ouvir que as perguntas podem ser levadas a Deus. Nosso cônjuge deve experimentar nossa disposição de ouvir e ser corrigido. Os que lideramos devem ver que a autoridade bíblica se aplica à nossa própria conduta.

Nossa resposta semanal: colocar a mudança de rumo em prática

Durante os próximos sete dias, escolha uma situação que tenha influenciado nossas conversas ou decisões. Preste muita atenção ao assunto, em vez de tentar resolver todas as preocupações de uma só vez. Escreva o que aconteceu, o que sabemos e o que concluímos. Observe onde o medo, a decepção ou uma suposição não verificada podem ter entrado no relato.

No início da semana, leia lentamente o Lucas 24:13–35, permitindo que todo o encontro permaneça à vista. Observe o que os discípulos dizem, como Jesus responde e o que muda antes de retornarem a Jerusalém. Então, considere a nossa situação escolhida ao lado da passagem. Pergunte onde precisamos de maior compreensão, onde as Escrituras já dão instruções claras e onde é necessário mais conselhos.

Faça um passo concreto de obediência antes do fim da semana. Faça com que seja prático e proporcional: peça uma conversa, peça desculpas, restabeleça um tempo de oração negligenciado, converse com um pastor ou estabeleça um limite apropriado. Se a resposta exigir um processo mais longo, identifique o seu início e organize o apoio necessário para continuar.

No final da semana, medite sobre o que aprendemos. Escreva qualquer entendimento que se tornou mais claro, qualquer ação tomada e qualquer pergunta que permaneça. Agradeça a fidelidade do Senhor e determine o próximo passo. As mudanças duradouras crescem à medida que continuamos a responder à verdade.

Nosso caminho bíblico para um estudo mais aprofundado

Comece com o Lucas 24:13–49, lendo o encontro em Emaús junto com a aparição de Jesus aos discípulos reunidos. Observe como o capítulo conecta a Escritura, a ressurreição corporal, o anúncio de arrependimento e remissão de pecados, e a promessa de poder do alto. Então leia Atos 2 para ver como o testemunho apostólico chama as pessoas a responder e como a comunidade cheia de Espírito começa a viver juntos.

Para as nossas conversas e relações, leia Efésios 4:17–32 e Colossenses 3:1–17. Observe como Paulo liga a nova vida do crente com a veracidade, o tratamento da ira, o perdão, o amor e a Palavra de Cristo morando ricamente entre Seu povo. Pergunte-se como essas instruções devem afetar a vida comum de nossos lares.

Para aprofundar nosso entendimento da obra salvadora de Cristo, leia Isaías 53 com Atos 8:26–39 e 1 Pedro 2:21–25. Observe como o Novo Testamento identifica Jesus com o servo sofredor e conecta Sua carga dos nossos pecados com o nosso retorno ao Pastor e uma vida de justiça. Por fim, leia o Hebreus 11:1–16 e o 32 " 40, permitindo que os diversos relatos de fé nele fortaleçam uma esperança que vai além dos resultados terrestres imediatos.

Nossa declaração final

Vamos trazer nossas perguntas, tristeza e expectativas diante do Senhor com corações honestos e ensináveis. Examinaremos as nossas conclusões com base nas Escrituras, falaremos verdadeiramente sobre os outros e receberemos correção fiel.

Responderemos à misericórdia de Jesus através do arrependimento e da obediência. Faremos espaço para a Sua Palavra em nossos lares e permaneceremos dependentes do Espírito Santo. Onde precisamos de ajuda, recebemos. Onde causámos dano, assumiremos a responsabilidade.

A nossa esperança está ancorada em Jesus Cristo, que foi crucificado e ressuscitado. Continuaremos a andar na Sua verdade, confiando na Sua fidelidade e testemunhando a Sua graça salvadora.

Texto bíblico: Almeida Revista e Corrigida © 2009 Sociedade Bíblica do Brasil. Todos os direitos reservados.